

AGROANALYSIS

A REVISTA DE AGRONEGÓCIOS DA FGV
FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS | VOL 27 | Nº 10 | OUTUBRO 2007 | R\$ 13,00



ISSN 0100-4298



Especial

A FORÇA DA CARNE

Combinação de gosto
de natureza e tecnologia



Biodiesel

**Metas para 2008
correm risco**

Fórum Abag

**Certificação do
agronegócio**

Safrá 2007/08

**Crédito livre *versus*
custo de produção**



No futuro as formas de energia vão se multiplicar. E para quem se antecipar, as oportunidades de negócio também.



Mestrado Profissional em Agroenergia.

A busca por fontes de energia alternativas é uma questão latente no mundo inteiro. E o Brasil, por suas características geográficas e econômicas, tem imenso potencial de se consolidar como um grande produtor de combustíveis limpos e renováveis. Não é à toa que a área de derivados da biomassa (etanol, biodiesel, etc.) tem crescido tanto. E para suprir esta demanda crescente por profissionais especializados, a Escola de Economia de São Paulo da FGV, em parceria com a Esalq e a Embrapa, reuniu professores com vasta experiência na área e criou o Mestrado em Agroenergia. Num curso com duração de 2 anos os alunos são capacitados para gerir um sistema de produção da energia de biomassa. Uma formação que pode ser decisiva para profissionais graduados em engenharia agrônômica ou em outras áreas, como economia e administração. Para informações e inscrições, acesse www.eesp.fgv.br.

Inscrições até 30 de novembro

www.eesp.fgv.br

Embrapa



**FUNDAÇÃO
GETULIO VARGAS**

EESP

Escola de Economia
de São Paulo

O agronegócio é o seguinte

O juro aleija, mas o câmbio mata

CHAMADA deste editorial traz uma frase memorável do professor Mario Henrique Simonsen, resgatada recentemente em trabalho da Sociedade Rural Brasileira, apresentado na audiência pública da Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados. Muitas atividades econômicas no País, em particular aquelas associadas à agroindústria, ficaram sufocadas e sucumbiram diante do juro alto e da valorização do câmbio.

Se há uma tendência de declínio nas taxas de juros internas, para o câmbio a previsão mais clara é de um quadro de persistência da sobrevalorização da moeda nacional ante o dólar. Para a safra 2007/08, cujo plantio está em andamento no centro e Sul, está nessa conjectura o maior risco dos produtores rurais em termos econômicos. A alta dos preços das *commodities* agrícolas internacionais diminui o efeito do câmbio, o que não significa a inexistência de perigo.

Fato interessante é o crescimento significativo registrado nas operações de venda futura dos grãos. Muitas aquisições de insumos foram fechadas mediante o comprometimento da entrega da colheita, com fechamento de posição no mercado futuro (*hedge*). Essas operações são tecnicamente corretas do ponto de vista da gestão e uma garantia para cobrir os riscos de uma virada no mercado e da aceleração do câmbio.

No campo o ambiente é positivo. Depois das safras 2004/05 e 2005/06 sem resultados financeiros favoráveis e um acúmulo nas dívidas, houve uma tênue recuperação na temporada 2006/07. Agora, neste ciclo, poderá ocorrer uma verdadeira redenção com o efeito combinado de crescimento de área, maior volume de produção e lucro para capitalização do produtor. Com vendas de insumos bem mais fortes, os indícios são de uma intensificação no padrão tecnológico das lavouras.

Agroanalysis apresenta um caderno especial sobre a cadeia produtiva da carne bovina. A situação brasileira é

particularmente admirável. Desde 2003, assumiu a liderança nas exportações ao superar a Austrália, com perspectiva de cada vez mais consolidar essa posição. Possui o maior rebanho comercial e taxa de desfrute com potencial para chegar a 30% nos próximos anos. Em termos de produção, ante a disponibilidade de recursos, deverá passar os Estados Unidos.

Mas o horizonte não é somente róseo na pecuária. A questão sanitária pega bem forte e merece um tratamento especial. Investimentos em laboratórios e qualificação da mão-de-obra fazem parte da ordem do dia. Todo esforço nessa direção certamente encontrará o devido retorno. Como signatário de uma série de compromissos com a Organização Mundial do Comércio e a Organização Internacional de Epizootias, o Brasil será alvo de muitas exigências e reclamações.

As Barreiras Técnicas de Comércio constituem uma realidade presente no *agribusiness* internacional. Para fazer parte desse jogo, os *players* devem estar preparados. O conceito da sustentabilidade, baseados no *triple bottom line*, no equilíbrio entre economia, meio ambiente e responsabilidade social, ganha força global. No caso da pecuária, além das boas práticas da produção e industrialização, os requisitos do bem-estar animal são correntes e mexem forte na sensibilidade do consumidor.

Na linguagem dos negócios, entram as figuras da certificação e dos selos, com uma gama de influência nas cadeias produtivas. É indispensável entender às especificações e às normas no estabelecimento de uma postura estratégica para os produtos, serviços e processos do agronegócio. Existe uma série de etapas para serem cumpridas. Qualquer precipitação poderá redundar em uma série de exigências a serem cumpridas, sem haver condições para executá-las. Esse campo de conhecimento, ainda incipiente no Brasil, faz parte da competitividade comercial entre as nações. ■

AGROANALYSIS

A REVISTA DE AGRONEGÓCIOS DA FGV

Publicação mensal de agronegócio e economia agrícola do
Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas.

Conselho editorial: Antonio Carlos Pôrto Gonçalves,
Carlo Filippo M. Lovatelli, Francisco S. Mazzucca, Ivan Wedekin,
Luis Carlos Guedes Pinto, Luiz Guilherme Schymura
de Oliveira, Roberto Rodrigues e Yoshiaki Nakano

Editor chefe: Antônio Carlos Kfourir Aidar

Editor executivo: Luiz Antonio Pinazza

Fundadores: Julian M. Chacel e Paulo Rabello de Castro

Redação

Redator: Bruno Blecher

Arte: André C. Michelin e Renata Owa

Revisão: Cacalo Kfourir

Fotos: Dreamstime (capa) e Getty Images (págs. 04,05,12)

Secretaria e apoio administrativo: Debora

Durazzo e Evandro Jacóia Faulin.

Publicidade: Representante comercial: Valor Rural Consultoria e
Comunicação, Tel.: (11) 5973-5721, e-mail: jcotrim@terra.com.br.
Contato comercial: José Luis Ballalai Cotrim.

Circulação/assinaturas: Debora Durazzo e Evandro Jacóia Faulin.
Outros estados: 0800.770.8881. Ligações de São Paulo: Tel.: 3281-
3220, Fax: 11 3262-3708, e-mail: contato@agroanalysis.com.br

Ponto de venda: São Paulo: Av. Paulista, 548,
8º andar, Tel.: (11) 3281-3220, Fax: 3281-7891

www.agroanalysis.com.br



FUNDAÇÃO
GETULIO VARGAS

*Instituição de caráter técnico-científico, educativo e
filantrópico, criada em 20 de dezembro de 1944, como
pessoa jurídica de direito privado, tem por finalidade atuar
no âmbito das Ciências Sociais, particularmente Economia
e Administração, bem como contribuir para a proteção
ambiental e o desenvolvimento sustentável.*

Sede: Praia de Botafogo 190, Rio de Janeiro - RJ, CEP 22253-900 ou
Caixa Postal 62.591 - CEP 22257-970, Tel.: (21) 2559 6000, www.fgv.br

Primeiro Presidente e Fundador: Luiz Simões Lopes

Presidente: Carlos Ivan Simonsen Leal

Vice-Presidentes: Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Marcos Cintra
Cavalcanti de Albuquerque e Sergio Franklin Quintella

Conselho Diretor:

Presidente: Carlos Ivan Simonsen Leal

Vice-Presidentes: Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Marcos Cintra Cavalcanti
de Albuquerque e Sergio Franklin Quintella

Vogais: Armando Klabin, Carlos Alberto Pires de Carvalho e Albuquerque,
Ernane Galvêas, José Luiz Miranda, Lindolpho de Carvalho Dias, Manoel Pio
Corrêa Jr., Marcilio Marques Moreira, Roberto Paulo Cezar de Andrade

Suplentes: Alfredo Américo de Souza Rangel, Antonio Monteiro de Castro Filho,
Cristiano Buarque Franco Neto, Eduardo Baptista Vianna, Felix de Bulhões, Jacob
Palis Júnior, José Ermírio de Moraes Neto, José Júlio de Almeida Senna, Nestor Jost

Conselho Curador:

Presidente: Carlos Alberto Lenz César Protásio

Vice-Presidente: Pedro José da Matta Machado (Klabin Irmãos & Cia)

Vogais: Alexandre Koch Torres de Assis, Andrew Gray (Souza Cruz S/A), Carlos
Alberto Vieira (Federação Brasileira de Bancos), Carlos Moacyr Gomes de Almeida,
Domingos Bulus (White Martins Gases Industriais Ltda), Edmundo Penna Barbosa
da Silva, Heitor Chagas de Oliveira, Hélio Ribeiro Duarte (HSBC Investment Bank
Brasil S.A. – Banco de Investimento), Jacques Wagner (Estado da Bahia), Jorge
Gerdau Johannpeter (Gerdau S.A.), Lázaro de Mello Brandão (Banco Bradesco S.A.),
Luiz Chor (Chozil Engenharia Ltda), Marcelo Serfaty, Marcio João de Andrade
Fortes, Orlando dos Santos Marques (Publicis Brasil Comunicação Ltda), Raul
Calfat (Votorantim Participações S.A.), Ronaldo Vilela (Sindicato das Empresas de
Seguros Privados, de Capitalização e de Resseguros no Estado do Rio de Janeiro),
Sérgio Ribeiro da Costa Werlang, Sérgio Santiago (IRB-Brasil Resseguros S.A.)

Suplentes: Gilberto Duarte Prado, Elizabeth Surreaux Ribeiro Tellechea (Refinaria
de Petróleo Ipiranga S.A.), Luiz Roberto Nascimento Silva, Marcelo José Basílio de
Souza Marinho (Brascan Brasil Ltda), Ney Coe de Oliveira, Nilson Teixeira (Banco
de Investimentos Crédit Suisse S.A.), Olavo Monteiro de Carvalho (Monteiro
Aranha Participações S.A.), Patrick de Larragoiti Lucas (Sul América Companhia
Nacional de Seguros), Pedro Freitas (Cia. Vale do Rio Doce), Pedro Henrique
Mariani Bittencourt (Banco BBM S.A.), Rui Barreto (Café Solúvel Brasília S.A.)

Diretor da FGV-EESP: Yoshiaki Nakano

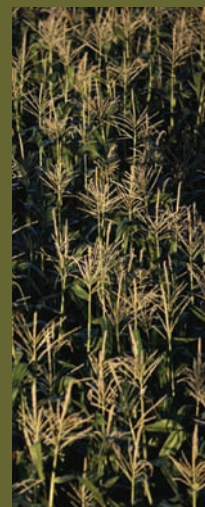
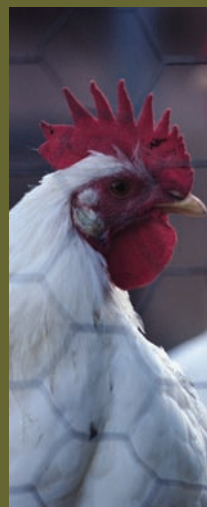
Diretor da FGV-IBRE: Luiz Guilherme Schymura de Oliveira

Diretor da FGV-EAESP / FGV-SP: Francisco S. Mazzucca

AGROANALYSIS

A REVISTA DE AGRONEGÓCIOS DA FGV

ACESSE O SITE
www.agroanalysis.com.br
ou ligue
0800 770 88 81
e assine
a publicação que
melhor acompanha
o agronegócio



Abre Aspas

6 Marcos Montes

9 Macroeconomia

10 Agrodrops

Mercado & Negócios

12 Safra 2007/08

Especial

Carne para o mundo

Agroenergia

15 Biodiesel

Gestão

18 Ripa

19 Qualiagro

Especial Abag

20 Certificação do agronegócio

27 Diário de bordo

27 Produzir

28 Opinião

Fórum Abag



Certificação do agronegócio

Biodiesel



Metas para 2008 correm risco

Safra 2007/08



Recorde à vista

Especial



Carne para o mundo

Milton Rego

Diretor da CNH Latino-Americana e vice-presidente da Anfavea

O novo perfil do mercado de máquinas agrícolas

da Redação

DE DOIS anos para cá, o perfil do consumidor de tratores no Brasil mudou. Enquanto os grandes agricultores de soja do Centro-Oeste reduziram suas compras, por conta da crise, os pequenos e médios agricultores saíram às compras, beneficiados pelo aumento de renda do brasileiro, que passou a comer mais e melhor.

“Prova disto é a redução da potência média dos tratores comercializados”, diz Milton Rego, diretor de Comunicação da CNH Latino-Americana e vice-presidente da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores).

Segundo Rego, nos últimos anos ocorreu um forte aumento na venda de tratores para agricultores voltados ao mercado doméstico. Produtores de feijão, arroz, milho, legumes e frutas foram beneficiados pelo aumento da renda da população, que passou a consumir mais alimentos. Com mais dinheiro no bolso, eles puderam trocar seus velhos tratores por modelos novos.

Em entrevista à *Agroanalysis*, Rego analisa as perspectivas do mercado de máquinas agrícolas no Brasil, que deve fechar 2007 com a venda de 36 mil unidades, 40% a mais do que no ano passado.

AGROANALYSIS A Anfavea refez a sua estimativa para as vendas de tratores e colheitadeiras no mercado brasileiro. De 33 mil máquinas, a estimativa saltou para 36 mil. E a produção, inicialmente prevista em 55 mil, agora é estimada em 60 mil máquinas, das quais 22 mil de-

vem ser exportadas. As indústrias estão mais otimistas com a agricultura?

MILTON REGO Estamos vivendo uma fase de recuperação do mercado, que caiu muito em 2005 e continuou em queda em 2006. Nesse período, o produtor não teve possibilidade de investir por uma série de motivos: a desvalorização dos produtos agrícolas, a questão cambial, o descasamento entre os custos e os preços agrícolas. Vale lembrar que os grandes agricultores do Centro-Oeste fizeram investimentos elevados em máquinas e terras em 2003/2004 e acabaram endividados. Com isso, a capa-

cidade de financiamento dos agricultores caiu drasticamente. A crise continua para alguns setores, em algumas regiões. Os agricultores que plantam soja no Centro-Oeste, por exemplo, têm uma dívida muito alta e enfrentam sérias dificuldades para saldar seus compromissos. Esse pessoal está comprando bem menos.

AGROANALYSIS Qual é o perfil do comprador de máquinas agrícolas hoje no País?

REGO O perfil mudou bastante nos últimos anos. Nós estamos vivendo uma fase de aquecimento no mercado mundial. Se você pega a última década, verifica um grande crescimento do PIB mundial. E o crescimento da economia gera aumento na demanda por alimentos e também uma mudança nos hábitos alimentares. A população está consumindo mais proteína animal, o que significa maior demanda por grãos, principalmente milho e soja. Outra novidade é a agroenergia, agora conhecida também como “agroinflação”, que acentuou a tendência de alta dos preços agrícolas. O curioso é que o aumento da produção mundial acontece junto com a elevação dos preços agrícolas.

“As montadoras brasileiras têm capacidade para produzir cerca de 100 mil máquinas agrícolas/ ano. Vamos fabricar 60 mil unidades este ano”



Kerem Peñas

“Vendia-se por ano uma média de 4.500 colheitadeiras entre 2000 e 2004. Hoje, as vendas caíram para 2.000 unidades/ano”



Kraw Petras

Brasil as máquinas ficaram mais confortáveis para o operador. Nos anos 80, boa parte das colheitadeiras não tinha nem cabine. Hoje, praticamente todas têm.

AGROANALYSIS As colheitadeiras estão cada vez mais sofisticadas. Qual é a formação técnica de um operador?

REGO O operador hoje tem nível médio e recebe um treinamento específico. Para operar algumas colheitadeiras, as mais recentes, o operador deve ter conhecimentos de eletrônica.

AGROANALYSIS Já existem máquinas operando com o sistema de agricultura de precisão?

REGO A agricultura de precisão está crescendo lentamente no Brasil, embora seja uma tecnologia que promova aumento da produtividade, redução das perdas e economia de insumos e combustível. Hoje existem cerca de 100 colheitadeiras trabalhando com este sistema no Brasil. Se considerarmos também os tratores equipados com GPS, o número sobe para cerca de 200 máquinas.

AGROANALYSIS Tão importante quanto vender uma boa máquina ao agricultor é oferecer um sistema de pós-venda eficiente. Uma colheitadeira não pode ficar parada no campo por falta de peça ou de mecânico. As montadoras estão investindo nesta área?

REGO A questão do pós-venda e a preparação das pessoas que trabalham na rede são fundamentais neste mercado e passaram a ser diferenciais. Hoje você tem produtos de tecnologia altamente sofisticada, que necessitam de um suporte especializado. As usinas de cana estão na vanguarda no que diz respeito à mecanização. Elas são hoje verdadeiras indústrias de energia. Muitas já terceirizaram suas frotas de tratores e colheitadeiras, inclusive os serviços de manutenção das máquinas.

AGROANALYSIS Como funciona o serviço de terceirização da frota?

REGO Funciona como uma espécie de locadora. Isto no Brasil é comum no setor

AGROANALYSIS O senhor falou em mudança de perfil do consumidor de máquinas agrícolas.

REGO O que aconteceu durante estes dois últimos anos foi um aumento da demanda de tratores por parte dos agricultores que produzem arroz, feijão, frutas, enfim alimentos para o mercado interno. Foi uma consequência da elevação de renda da população de menor poder aquisitivo, que passou a consumir mais alimentos. Então, ao mesmo tempo em que há uma demanda aquecida no setor de cana e de cítricos, o mesmo acontece na área de hortifrutigranjeiros e feijão. Um indicador desta mudança é a queda da potência média dos tratores. Isto mostra que os pequenos e médios produtores estão comprando mais. Quem compra os tratores de maior potência são justamente os grandes produtores de soja que, por conta da crise, reduziram os seus investimentos.

AGROANALYSIS Os pequenos e médios produtores voltaram a adquirir máquinas?

REGO Eles agora têm a possibilidade de trocar o seu trator usado por um novo. Vale dizer que todas as fábricas se voltaram para este mercado, o que aumentou a oferta de máquinas de menor porte. Além disso, houve uma redução das taxas de juros, o que facilitou o acesso aos

financiamentos para os pequenos e médios produtores.

AGROANALYSIS A recuperação das vendas de tratores e colheitadeiras provocou algum problema na entrega das máquinas. As montadoras estão conseguindo atender a demanda sem atraso?

REGO Exceto as máquinas destinadas a algumas áreas específicas, como a cana, onde a demanda cresceu muito, todos os outros produtos estão disponíveis nas concessionárias. Até porque o parque instalado no Brasil tem capacidade para produzir cerca de 100 mil máquinas por ano. E nós vamos produzir este ano 60 mil unidades.

AGROANALYSIS Os tratores e colheitadeiras produzidos no Brasil têm a mesma tecnologia dos utilizados pelos agricultores da Europa e nos EUA?

REGO No Brasil, os tratores são mais robustos, porque trabalham mais. Veja o caso da cana. Nas usinas, os tratores trabalham 20 horas por dia, sete dias por semana, o ano inteiro. Não há nada parecido com isso na Europa e nem nos EUA. Os tratores europeus oferecem cabines mais confortáveis, mesmo porque as condições climáticas nos países da Europa são mais agressivas que as daqui. Mas, também no

de máquinas rodoviárias. Na área agrícola, a terceirização ainda é incipiente. Mas se você atravessa a fronteira com a Argentina, vai ver que lá a colheita já está muito terceirizada. Há empreiteiros que têm uma ou várias colheitadeiras e prestam serviços aos agricultores.

AGROANALYSIS Qual é a perspectiva do mercado de máquinas agrícolas para os próximos anos?

REGO Vai depender muito do que acontecer com o cerrado. Mais cedo ou mais tarde, os agricultores do Centro-Oeste terão de voltar a investir para renovar suas frotas. Nesta safra, já haverá um aumento de área cultivada. Isto significa mais máquinas. A grande dúvida é se esses produtores vão ter capacidade para investimento. Mas estamos esperando um crescimento das vendas em outras áreas, como cana, café, frutas e celulose. As culturas destinadas ao mercado doméstico devem ter forte incremento. Espera-se um aumento de renda do brasileiro, o que significa também maior demanda por alimentos. A agricultura do Sul do Brasil, principalmente a do Rio Grande do Sul, também se recuperou, após um período de crise por causa da seca.

AGROANALYSIS O que representa a agricultura brasileira para uma companhia global como a CNH?

REGO É um país importante. O Brasil representa entre 6% e 9% do faturamento da CNH. Vale lembrar que a CNH é uma das empresas mais globais do mercado de máquinas agrícolas. Ela é forte nos EUA, na Europa e no resto do mundo também.

AGROANALYSIS Apesar do incremento das vendas de máquinas no geral, o comércio de colheitadeiras ainda está abaixo dos números do início da década.

REGO O Brasil já foi um grande mercado para colheitadeiras. Vendia-se por ano uma média de 4.500 unidades entre 2000 e 2004. Hoje, as vendas de colheitadeiras caíram para a faixa de 2.000 máquinas/

“Alguém já falou que, quando o tempo está bom, você tem de consertar o telhado. O momento é agora”



Kleber Peñas

ano. Acreditamos que o mercado deva crescer nos próximos anos. A colheitadeira é um produto estratégico para o agricultor. Dependendo da idade da máquina, o produtor pode estar deixando parte da safra no chão, ou seja, perdendo dinheiro. A colheita exige rapidez e eficiência.

AGROANALYSIS A área plantada no Brasil tem crescido pouco nos últimos anos. E a tendência daqui para frente é de a agricultura ocupar as pastagens degradadas, em vez de abrir novas áreas. Isto não representa uma perda para o mercado de tratores de esteira?

REGO De fato, o Brasil não tem nenhuma necessidade de abrir novas áreas para a agricultura. Quanto o mercado de tratores de esteiras, ele praticamente acabou. É um mercado que está desaparecendo. Na década de 70, no auge da abertura de novas fronteiras agrícolas, vendiam-se por ano 4.000 tratores de esteira. Este

ano, estamos vendendo apenas 470 unidades. É um sinal que o Brasil está desmatando menos.

AGROANALYSIS A agricultura brasileira costuma alternar épocas de vacas magras com fases de vacas gordas. Como podemos chegar a um equilíbrio, para evitar as crises profundas?

REGO Esse é um problema que nos preocupa muito. Estou no mercado há vários anos e já vi esse filme muitas vezes. No lançamento do último plano de safra, até o presidente Lula disse que já está na hora de fazer algum tipo de política anticíclica. Temos de implantar um seguro rural eficiente no Brasil. Criar mecanismos para incentivar os fundos a investir no agronegócio e resolver a questão da renegociação das dívidas. Alguém já falou que quando o tempo está bom, você tem de consertar o telhado. O momento é agora. ■

Macroeconomia

Cenário e perspectivas

Rogério Mori*

UMA DAS grandes questões do debate econômico atual reside no grau de aquecimento relativo da economia brasileira e do eventual risco de sobreaquecimento. As preocupações, nesse contexto, estão associadas aos riscos inflacionários domésticos impostos por essa dinâmica no âmbito prospectivo.

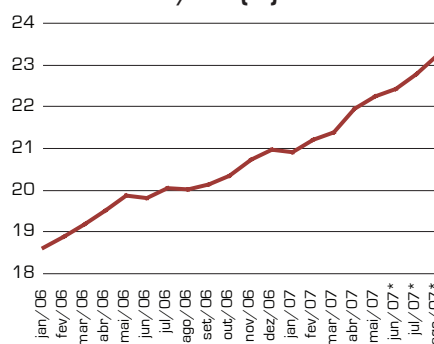
De fato, vários indicadores da atividade econômica nacional apontam na direção de um crescimento robusto da economia quando comparado à média dos últimos anos. Nesse sentido, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre de 2007, de 0,8%, ajustado sazonalmente, e de 4,9% no acumulado no ano, indica que o produto interno nacional deverá crescer entre 4,5% e 5,0% relativamente a 2006. Caso esse resultado se confirme, representará um dos melhores desempenhos da década até o momento.

Claramente, esse ciclo de crescimento recente está associado, em grande medida, à expansão do crédito, que tem sido expressiva ao longo dos últimos trimestres. Segundo dados do Banco Central, o saldo das operações de crédito de recursos livres do sistema financeiro, que representava 18,6% do PIB em janeiro do ano passado, atingiu 23,2% do PIB em agosto de 2007 (vide gráfico), representando um amplo crescimento no período (embora o patamar brasileiro ainda seja relativamente baixo quando comparado ao de outros países). O volume de crédito para o financiamento imobiliário, por exemplo, cresceu 73,2% nos últimos doze meses (terminados em agosto) e o direcionado para a aquisição de veículos cresceu 23,2% na mesma comparação. O crescimento do volume para a pessoa

jurídica também é expressivo no período, ficando em 24,0% no acumulado em doze meses (terminados em agosto).

Esses números, sem dúvida, refletem-se sobre o desempenho de vários setores da economia. A indústria da construção civil, por exemplo, cresceu 6,3% no segundo trimestre de 2007 relativamente ao mesmo período do ano passado, segundo o IBGE. Ao mesmo tempo, indicadores da produção industrial também apontam para bons resultados. Segundo o IBGE, a produção industrial cresceu 5,3% no acumu-

Operações de crédito com recursos livres/PIB [%]



Fonte: FGV-EESP/Cemap. *Dados preliminares

lado do ano até agosto, com destaque para a produção de bens de capital e de bens de consumo no período. O bom ritmo da atividade econômica em 2007 também se refletiu sobre os indicadores de emprego. Segundo o IBGE, a taxa de desemprego ficou em 9,5% em agosto, abaixo da verificada no mesmo período do ano passado (um fenômeno que tem ocorrido de forma quase sistemática ao longo do ano).

Claramente essa dinâmica pode ser associada aos efeitos do ciclo de flexibiliza-

ção da política monetária em vigor desde 2005, que aproveitou o cenário de inflação mais baixa ao longo desse período. O processo de redução da taxa de juros estimulou a expansão do crédito no sistema financeiro, com a ampliação de prazos de financiamento e reduções, ainda que marginais, nas taxas na ponta do empréstimo. Tal fato levou ao crescimento das vendas em vários setores, particularmente nos mais sensíveis ao ciclo de crédito.

A grande dúvida reside na dinâmica do processo e no eventual esgotamento da capacidade produtiva em alguns setores. Assim, a própria indústria aponta na direção de não haver riscos no momento, nem eventuais pressões de preços oriundas do setor. Adicionalmente, a dinâmica do crescimento recente também tem pautado a expansão dos investimentos produtivos e do crescimento da produção e da venda de bens de capital. Tal fenômeno, sem dúvida, representará um aumento da produtividade da economia nacional e um crescimento da capacidade de produção de bens e serviços da economia (o que, em tese, reduzirá riscos de pressões de preços mais adiante).

Ainda assim, as apostas são de que o Banco Central deverá suspender as reduções da meta da taxa básica de juros (ainda que temporariamente), em face das pressões inflacionárias observadas recentemente e dos riscos de desvios da inflação medida pelo IPCA em relação à meta. Sob essa perspectiva, a política monetária será ditada mais adiante por conta do cenário de inflação e da atividade econômica. ■

* Professor e Coordenador do Centro de Macroeconomia Aplicada (Cemap) da FGV-EESP

Mestrado em agroenergia



Os professores Roberto Rodrigues, Silvio Crestana e Antonio Roque Dechen

O Programa de Pós-Graduação da Escola de Economia de São Paulo (FGV/EESP), em parceria com a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq-USP) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), lançou o Mestrado Profissional em Agroenergia (MPAagro), curso stricto sensu autorizado pela Capes. O objetivo é a formação de profissionais nas áreas de gestão econômica, tecnologia agrícola e processos de produção em sistemas de energia de biomassa. Além de proporcionar sólida formação teórica, o mestrado dá ênfase às aplicações práticas dos conceitos, visando à compreensão da realidade brasileira e das profundas mudanças impostas pela agroenergia. O curso reúne um corpo docente experiente e qualificado. As aulas serão ministradas às sextas-feiras (noite) e sábados (manhã e tarde). O Mestrado Profissional stricto sensu tem duração de dois anos, sendo o ano letivo organizado em quatro trimestres. Inscrições podem ser feitas até 30 de novembro, apenas pela internet (www.eesp.fgv.br). Mais informações pelo telefone (11) 3281-3351.

Biodiesel na cozinha

Um litro de óleo de cozinha é suficiente para poluir 1 milhão de litros de água. Para combater esse grave problema ambiental, a Eco Brasília Diesel (Ecobrás) implantou um projeto de catadores de óleo de cozinha. A intenção é transformar o resíduo em energia (biodiesel). A Ecobrás já coleta 3.500 litros de óleo saturado por dia e gera 80 empregos diretos. O projeto tem a adesão de 1.200 bares e restaurantes do Distrito Federal. No início do próximo ano, deve entrar em operação a usina que vai transformar o óleo em combustível. A previsão inicial é produzir 50 mil litros de biodiesel por dia.

GENÉTICA DOS PEIXES

Em parceria com várias universidades (treze brasileiras e uma dos EUA), a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) iniciou um projeto de melhoramento genético na aquicultura brasileira. Orçada em R\$ 8 milhões, a pesquisa vai abranger o camarão branco, a tilápia, o tambaqui e o pintado.

RECORDE

“As exportações brasileiras de milho podem chegar a 9,5 milhões de toneladas este ano. Isso sem falar do consumo interno, que deve saltar de 40,3 milhões de toneladas este ano para 44 milhões de toneladas em 2008”

Odacir Klein, presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Milho (Abramilho)

Pé na tábua

Os bons resultados conseguidos até setembro levaram a Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) a rever a previsão de vendas máquinas agrícolas em 2007. A estimativa agora é de 36 mil máquinas, 3.000 a mais que se esperava no início deste ano. O número representa um aumento de 40% em relação às vendas do ano passado. A produção de tratores e colheitadeiras este ano deve alcançar 60 mil máquinas.

Correspondências para esta seção devem ser enviadas para o e-mail: brunoblecher@uol.com.br

RISCO DE APAGÃO

Levantamento realizado pela Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) mostra que o custo para transportar uma saca de soja de Sorriso (MT) ao porto de Santos (SP) já ultrapassa 50% do preço pago ao produtor na porteira da fazenda. Durante audiência na Comissão de Agricultura do Senado, Luiz Antônio Fayet, consultor da CNA, recomendou o investimento em hidrovias e a expansão da capacidade dos portos brasileiros para evitar os riscos de um apagão logístico no agronegócio brasileiro. Para Fayet, as hidrovias são a opção mais barata e oferecem menos impacto ao ambiente. "As bacias hidrográficas são a única saída para escoar o volume de 70 milhões de toneladas de grãos exportados por ano, que deve duplicar na próxima década", disse.

Etanol sustentável

A Comissão Especial de Bioenergia do Estado de São Paulo está preparando uma série de propostas para o incremento do setor energético brasileiro. O documento será enviado ainda em outubro ao governo de São Paulo. Uma das sugestões é a de implantar alcooldutos para o escoamento do etanol. Hoje, são feitas 500 mil viagens de caminhão por ano para transportar o combustível. Como se prevê um aumento de quase 100% da produção de etanol até 2015, a logística é uma das prioridades para garantir a competitividade do produto. O documento recomenda ainda a criação de políticas para a reduzir o corte manual de cana, promover a colheita mecanizada, implantar um zoneamento ecológico para a cana, e transformar o bagaço e a palha em álcool para aumentar a produção sem expandir o plantio.

Cana-de-açúcar



14 milhões

de hectares será a área ocupada pela cana em 2020

65 bilhões

de litros é a estimativa de produção de etanol

Fonte: Unica

Casa nova

A John Deere já iniciou a mudança de sua planta de tratores da unidade de Horizontina para Montenegro, no Rio Grande do Sul. A transferência dos equipamentos e a montagem da nova planta devem durar 90 dias. A nova fábrica será inaugurada em março de 2008.

MAIS FLEX

Nos primeiros nove meses do ano, foram vendidos no mercado nacional 1.404.677 veículos *flex fuel*, segundo dados da Anfavea. A participação do flex fuel nas vendas de de automóveis no Brasil já atinge 85%. Desde seu lançamento, em março de 2003, foram comercializados 4 milhões de veículos *flex* no Brasil.

Couro forte

Até agosto, as exportações brasileiras de couro geraram receita de US\$ 1,47 bilhão, 24% superior à obtida no ano passado. O desempenho atesta a mudança do perfil da cadeia produtiva, hoje mais voltada para os setores automotivo e de estofamento, que absorvem mais de 60% dos embarques. Os principais destinos do couro brasileiro são a China e Hong Kong (35%), Itália (27%) e Estados Unidos (10%).

FestCafé



Entre 20 e 22 de novembro, será realizado em Belo Horizonte (MG) o FestCafé – International Coffee Meeting, megaevento de negócios do mercado cafeeiro mundial, que contará com compradores internacionais, exportadores, produtores, profissionais da área de alimentação, comerciantes, cooperativas e varejistas.

Congresso da SNA

Oportunidades e Riscos do Agronegócio é o tema do 9º Congresso de Agribusiness da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), que acontece dias 4 e 5 de dezembro no Rio de Janeiro. Reinhold Stephanes, ministro da Agricultura, e o ex-ministro Roberto Rodrigues estão entre os palestrantes. No primeiro dia do evento, será realizada a cerimônia de entrega do prêmio Destaques "A Lavoura – SNA 110 anos", conferido pela Academia Nacional de Agricultura.

Safrá 2007/08

Crédito alternativo: para tomar, verifique seus custos

Varição nos preços dos insumos
entre jul/2006 e jul/2007 (%)

Cultura	Fertilizantes	Defensivos
Algodão	33,7	-5,8
Arroz (sequeiro)	18,2	-5,2
Arroz (irrigado)	13,3	0,4
Milho	18,9	-3,9
Soja	19,0	-17,4

Fonte: Conab

A SAFRA 2007/08 rompe o comportamento retraído dos bancos com a agricultura nos dois últimos anos, diante da queda de renda registrada pelo setor e as suas dificuldades para saldar os compromissos financeiros. As projeções são de mais um aumento da produção de grãos, acompanhado de preços internacionais e nacionais aquecidos nas principais *commodities*. As margens de comercialização estão favoráveis.

Por sua vez, da parte dos produtores, a queda da taxa de juros, e a renegociação de dívidas, estimulam-nos a tomar recursos do crédito rural.

Para melhorar a conjuntura nessa fase de plantio da safra de verão, houve uma redução geral das taxas de juros:

- Da Selic (Sistema Especial de Liquidação e Custódia) para 11,25% ao ano;
- Dos programas a juros controlados, para custeio e comercialização, de 8,75% para 6,75% ao ano;
- Do Proger Rural de 8% para 6,25% ao ano;
- Moderfrota: de 11,25%, para 7,5% e 9,5% ao ano, conforme o nível de renda dos produtores.

Com a queda dos juros, existe um natural aumento nos depósitos à vista das agências financeiras e nas captações da poupança em crédito rural. Isso aumenta a oferta de crédito rural, pois 25% dos depósitos à vista e 65% das captações em poupança devem ser aplicadas em crédito rural.

Pelos números da Federação Brasileira dos Bancos (Febraban), enquanto a exigibilidade somava R\$ 13,57 bilhões, em junho de 2006, em abril deste ano alcançou



Captação externa

Outra tendência do mercado é a de as *tradings*, cooperativas e produtores trazerem recursos do estrangeiro para financiar o campo, diante do ambiente favorável da:

- Boa liquidez do mercado internacional;
- Percepção de risco de crédito do País;
- Estabilidade do real;

Subida das cotações das *commodities*;

Dados do Banco Central, consolidados pelo Banco do Brasil, mostram a ampliação dos fluxos. As operações entre janeiro e agosto deste ano somam R\$ 177,82 bilhões, valor 4,7% superior ao registrado em todo o ano de 2006. Entram nessa conta as transações comerciais e financeiras em modalidades como:

- Adiantamento sobre Contrato de Câmbio (ACC);
- Adiantamento sobre Cambiais Entregues (ACE);
- Pré-pagamento para investimentos, internacionalização de recursos (Resolução nº 4131 do BC) e a chamada "63 Caipira".

Mais complexas em termos de organização e acompanhamento, essas operações facilitam a fixação de margens de lucro, financiamento e comercialização da produção de forma antecipada. Há toda uma estratégia para a aplicação de mecanismos de proteção (*hedge*) cambial, sem o descasamento entre os contratos em dólar ou euro e a cotação do produto em real. O *hedge* é feito por meio de contratos futuros em bolsas ou a termo, como o Non-Deliverable Forward (NDF), que garante uma taxa de câmbio futura para a moeda base do contrato.

R\$ 18,145 bilhões. Os bancos devem ainda utilizar aqueles recursos de exigibilidades não aplicados nos dois ciclos anteriores: nas safras 2005/06 e 2006/07 sobraram, respectivamente, R\$ 2,0 bilhões e R\$ 5,4 bilhões.

Os bancos privados programam uma aplicação de R\$ 58 bilhões para a safra 2007/08, contra R\$ 50 bilhões no ano anterior. O maior aumento, de 50%, está na rubrica dos recursos obrigatórios. Em contraposição, a participação da poupança rural sofre queda.

Também os fundos de investimentos aplicam recursos para o custeio e a comercialização da safra. Diante da crise na área de grãos, as operações ficaram concentradas na cana-de-açúcar. Desde quando foram criados, em 2005, a estimativa é de que existam R\$ 7,6 bilhões aplicados com as Letras de Crédito do Agronegócio (LCA) e o Certificado de Direitos Creditórios do Agronegócio (CDCA). Neste ano, de janeiro a agosto, os títulos somaram R\$ 4,35 bilhões, acima de 2005 e 2006 juntos.

Do ponto de vista da empresa rural, existem dois indicadores para avaliar a tomada de recursos do crédito rural:

- Os custos de produção;
- A expectativa da área de plantio.

Na parte das planilhas relativas a custos de produção, os fertilizantes pressionaram bastante em todas as culturas da safra de verão deste ano. Os produtos com maiores incrementos foram o sulfato de amônia e o superfosfato simples. Como o Brasil importa 65% de seu consumo, sofre as conseqüência do aquecimento do mercado em termos de preço e frete. Mesmo assim, as suas vendas serão recordes e passarão de 23 milhões de toneladas. Já os defensivos foram em sentido oposto, e até reduziram seus valores em alguns casos.

Os dois grandes riscos para a rentabilidade da safra 2007/08, salvo evidentemente a ocorrência de adversidades climáticas, doenças e pragas, são o câmbio ou um recuo dos preços internacionais. A probabilidade do primeiro é concreta e real. Porém o segundo parece um tanto distante a curto prazo. A composição desse *mix* será vital no resultado financeiro do produtor.

Variação no custo variável de produção por hectare

Produto e local	Quilos	2006/07 (R\$)	2007/08 (R\$)	Var %
Algodão				
Rondonópolis	3.750	4247,67	4.688,62	10,38
Arroz Irrigado				
Cachoeira do Sul	6.000	2.312,16	2.487,08	7,57
Itaqui	6.500	1.959,58	2.234,50	14,03
Arroz Sequeiro				
Sorriso	4.000	1.188,50	1.286,17	8,22
Milho				
Londrina	6.750	963,81	1.010,55	4,89
Soja				
Primavera do Oeste	3.000	925,00	1.095,64	18,44
Campo Mourão	3.000	865,00	934,79	7,42

Fonte: Conab

Preço do frete internacional de fertilizante (US\$ por tonelada)

Origem	Outubro/2003	Setembro/2005	Setembro/2006	Setembro/2007
Báltico	15 a 17	25 a 30	35 a 40	55 a 60
Mar Negro	18 a 22	22 a 24	32 a 37	53 a 57
Tampa	15 a 18	23 a 26	28 a 32	55 a 60
Hopwell/Nokfolk	18 a 22	30 a 35	30 a 35	60 a 65

Fonte: ANIDA

Mercado de defensivos (R\$ milhões – janeiro a setembro)

Segmentos	2005 (a)	2006 (b)	2007 (c)	(b)/[a] %	(c)/[a]
Herbicidas	1.585,9	1.394,0	1.999,3	-12,1	26,1
Fungicidas	902,0	641,0	993,8	-28,9	10,2
Inseticidas	1.324,4	1.013,5	1.486,5	-23,5	12,2
Acaricidas	110,1	77,3	81,4	-29,8	-26,1
Outros	208,7	127,7	170,5	-38,8	-18,3
Total	4131,1	3.253,5	4.731,5	-21,2	14,0

Fonte: Câmara Temática de Insumos

Recursos programados (R\$ bilhões)

Programas	2006/07	2007/08
1. Custeio e comercialização		
Recursos obrigatórios	20,4	30,00
Poupança rural	8,00	2,50
Proger rural	0,70	2,20
Funcafé	1,00	1,75
Juros livre	11,3	12,65
Sub-total (1)	41,4	49,10
2. Investimento		
Moderfrota	3,00	3,00
Finamed	0,20	0,20
Proger rural	0,10	0,10
Programas BNDES	3,10	3,10
Fundos cosntitucionais	2,20	2,50
Sub-total (2)	8,60	8,90
Total (1) + (2)	50,00	58,00

Fonte: MAPA

Safr 2007/08

Novo recorde

O BRASIL poderá bater novo recorde na produção de grãos, caso se confirmem os números do primeiro levantamento de intenção de plantio da safra 2007/08, anunciados neste mês pela Conab. A pesquisa realizada no setor produtivo aponta para uma colheita entre 134,9 e 138,3 milhões de toneladas. O intervalo apresentado ocorre em razão da fase inicial de plantio das culturas agrícolas e da indefinição do produtor sobre quanto e o que plantar.

Em comparação à safra 2006/07, de 131,5 milhões toneladas, o crescimento poderá chegar a 2,6% no intervalo inferior e a 5,2% no superior. O motivo está nos bons preços dos produtos no mercado. Essa confirmação dependerá também das variações climáticas para o período. Em virtude do La Niña, há um atraso no plantio, que já é motivo de preocupação.

La Niña

Representa um fenômeno oceânico-atmosférico que se caracteriza por um esfriamento anormal nas águas superficiais do Oceano Pacífico Tropical, que afeta o regime de chuva de algumas regiões

A projeção da safra atual é reforçada principalmente pelos fatores:

- Soja, com uma produção estimada entre 59,4 e 61,3 milhões de t, ou 1,6% a 4,9% superior a do ciclo anterior (58,4 milhões de t);
- Milho 1ª safra, que deve ficar entre 37 e 38 milhões de t, aumento de 1,7% a

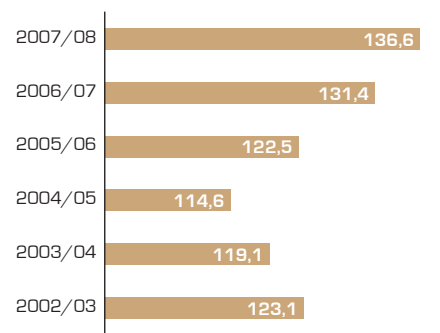
4,6% em relação aos 36,4 milhões de t da safra passada.

- Algodão em caroço também tem resultado maior, variando entre 2,5 e 2,6 milhões de t, ou 2,8% a 8,5% a mais que os 2,4 milhões de t anterior.

Diferentemente, o feijão 1ª safra apresenta uma queda de 13,9% a 11,1% e deve ficar entre 1,30 e 1,35 milhão de t.

A safra deve contar com uma área superior em 1,2% a 3,4% sobre o plantio do último período, devendo ocupar entre 46,7 e 47,7 milhões de hectares. O maior crescimento está nas lavouras de soja, que sairão de 20,7 milhões de ha para algo entre 21,2 e 21,9 milhões de ha. Esse quadro reflete o retorno do plantio da oleaginosa em áreas que deixaram de ser cultivadas na safra 2006/07.

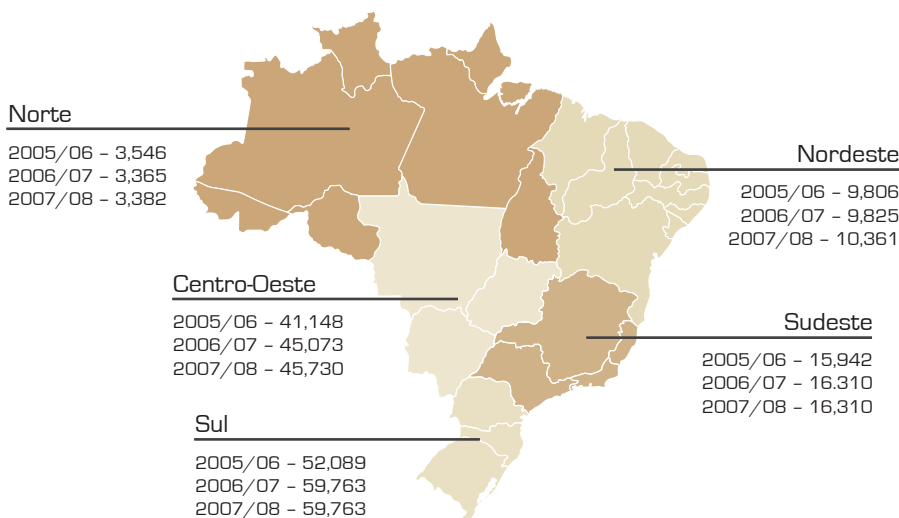
Brasil: produção de grãos (milhões de toneladas)



Fonte: Conab

Também há um significativo crescimento nas lavouras de milho 1ª safra (de 2,3% a 4,5%) e de algodão (de 2,3% a 8,0%). ■

Brasil: safra de grãos (milhões de toneladas)



Fonte: Conab



Conheça a visão de
analistas e lideranças
que participaram
do Congresso
Mundial da
Carne em
São
Paulo

ESPECIAL

CARNE PARA O MUNDO

Pecuária brasileira consolida liderança no mercado internacional e se organiza para derrubar barreiras

Sumário

Pecuária brasileira consolida liderança no mercado internacional e se organiza para derrubar barreiras	E1
Conheça a visão de analistas e lideranças que participaram do Congresso Mundial da Carne em São Paulo.....	E1
Tendência é favorável para o mercado veterinário.....	E2
Os desafios da pecuária brasileira.....	E3
Importância da indústria de suplementos minerais para o desenvolvimento sustentável da pecuária	E4
Diretrizes para os próximos três anos	E5
Contexto global	E7
Potencial brasileiro	E9

Argentina: Aumento da Produção.....	E10
Uruguai: Alianças estratégicas.....	E11
Colômbia: Cenário para 2019	E12
Argentina: Crescimento ou canibalização	E13
Europa: Mercado atraente	E13
Saúde animal e comércio internacional	E14
Febre aftosa.....	E15
Bem-estar animal.....	E16
Conceito: Bem-estar animal.....	E17
A carne na nutrição humana.....	E18
O gado zebu.....	E18
O varejo e o consumidor	E19
Infra-estrutura para exportação	E20
EUA: Tipificação de carcaças	E22



EMÍLIO SALANI

Presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para a Saúde Animal (Sindan)

Tendência é favorável para o mercado veterinário

Qual é a previsão do Sindan para as vendas de produtos veterinários em 2007?

EMÍLIO SALANI O mercado de produtos veterinários (farmacêuticos e biológicos com fins terapêuticos) movimenta em torno de R\$ 2,2 bilhões por ano e deve fechar 2007 com crescimento entre 5% e 6%. Vamos chegar ao redor dos R\$ 2,3 bilhões, mas é difícil ainda arriscar um número final, porque a campanha de vacinação contra a febre aftosa começou este mês.

O resultado da vacinação pode levar ao Sindan a aumentar a sua estimativa?

SALANI Nós temos uma previsão de comercialização de cerca de 150 milhões de doses de vacina entre outubro e novembro. Mas, além da receita proveniente da venda de vacina, temos de considerar a comercialização de outros produtos veterinários, como carrapaticidas, endectocidas, melhoradores de *performance* e polivitamínicos. Quando o pecuarista fecha o gado para vacinar, ele aproveita para aplicar outros produtos. Então, os três últimos meses, principalmente outubro e novembro, são cruciais para se definir o faturamento do ano.

Qual é o peso da pecuária de corte no mercado de produtos veterinários?

SALANI Ela representa 56% do mercado. Depois vêm a avicultura e a suinocultura. O pecuarista hoje está mais consciente da importância da sanidade para o seu rebanho. Aquelas cenas do sacrifício de animais na Inglaterra, por causa da aftosa, tiveram um grande impacto. Devido à necessidade de ter um negócio

rentável, o produtor passou a compreender a importância de manter um bom programa sanitário.

Quais são os benefícios de um programa sanitário?

SALANI Há uma série de vantagens. Ele evita a perda de bezerros, melhora o ganho de peso dos animais, possibilita terminar o animal com mais rapidez, encurta o intervalo entre partos. São índices que levam à melhoria da *performance*. E *performance* é sinônimo de rentabilidade.

A liderança do Brasil nas exportações mundiais de carne bovina contribui para convencer o pecuarista da necessidade de cuidar melhor do seu rebanho?

SALANI Com certeza. Ele trabalha hoje com a esperança de aumentar seu lucro devido ao crescimento das vendas de carne no mercado externo. O produtor de bovinos hoje está preocupado em melhorar as pastagens, em jogar um touro melhor, em encurtar o período de abate, em fazer um semi-confinamento. Tudo isto pensando em participar dessa oportunidade do mercado. Ele sabe que isto pode reverter em lucro para o seu negócio.

Qual é a expectativa do Sindan para 2008?

SALANI Depende muito de como vamos fechar este ano. Se os preços de aves, suínos, bovinos e leite continuarem em alta, com tendência de estabilidade, 2008 vai ser um ano excelente para as empresas de produtos veterinários. Há uma redução de disponibilidade de pastagens, por causa da forte expansão da cana nas terras nobres. Pará, Maranhão e Rondônia sempre foram dedicados à cria. E a tendência é que a terminação se transfira para lá também. Eu acho que vão perdurar aqueles pecuaristas que fizeram o ciclo completo: cria, cria e engorda.

O aumento da renda do produtor de leite teve um efeito imediato nas vendas de produtos veterinários?

SALANI Sem dúvida. O produtor de leite precisa de um programa sanitário forte, principalmente quando aumenta a sua produção. Ele precisa limpar carrapato e berne. Precisa de hormônios para fazer um protocolo de inseminação. E tem de vacinar o gado contra a febre aftosa, contra a raiva, proteger a fêmeas da brucelose, aplicar vacinas respiratórias. Uma série de procedimentos.

Como o senhor avalia o trabalho do governo na área de sanidade animal?

SALANI O governo tem técnicos competentes e programas estabelecidos. O grande problema do MAPA é a questão financeira. O problema maior não é o volume do recurso, mas a execução orçamentária. O próprio ministro da Agricultura declarou em setembro que o governo havia conseguido empenhar e executar apenas 30% do orçamento. O ministro mesmo disse outro dia que entre empenhar e executar a despesa vai uma légua.



SEBASTIÃO COSTA GUEDES,
Presidente do Conselho Nacional
de Pecuária de Corte (CNPC)

Os desafios da pecuária brasileira

Como o senhor avalia o avanço da pecuária brasileira?

SEBASTIÃO COSTA GUEDES A pecuária brasileira registrou um notável crescimento nos últimos anos. Hoje, o País abate cerca de 44 milhões de animais por ano e lidera as exportações mundiais de carne bovina. Os índices de produtividade comprovam a modernização da nossa pecuária e indicam que o País tem potencial para ampliar ainda mais o seu mercado no exterior, fornecendo ao mundo carnes seguras, de elevada qualidade e com sabor de natureza.

Qual é o caminho para o país ampliar o seu mercado de carne lá fora?

GUÉDES Para fazer valer a nossa vocação, é preciso vencer as barreiras que limitam o nosso crescimento. A superação desses obstáculos depende de um trabalho sincronizado entre os setores público e privado no sentido de capacitar e fortalecer os serviços de defesa sanitária. Uma das questões estratégicas para o Brasil é a erradicação da febre aftosa. O combate à febre aftosa evoluiu muito nos últimos 15 anos. Tivemos avanços notáveis, mas precisamos evoluir mais.

Agregar valor à carne é outro grande desafio do País.

GUÉDES Qualidade, sanidade e sustentabilidade são as principais exigências do mercado internacional. Para consolidar a sua liderança no comércio mundial de carne e agregar cada vez mais valor a seus produtos, o Brasil deve mostrar credibilidade, notadamente na questão sanitária. E nesse ponto a erradicação da febre aftosa tem papel emblemático. É uma forma

de comprovar ao mundo que temos uma infra-estrutura de vigilância sanitária eficiente.

Qual é a receita para o País acabar com a febre aftosa?

GUÉDES A erradicação da aftosa é uma tarefa continental. No Brasil, hoje a doença está concentrada em áreas delimitadas de fronteira. O Brasil Central e litorâneo acabou com a aftosa há muito tempo. Temos de incrementar a vacinação nos animais jovens e aceitar que, infelizmente, existem regiões no nosso continente onde a circulação viral persiste. Para essas regiões, cabe aliar um bom sistema de cadastro de propriedade e de animais a um sistema eficiente de vacinação e de fiscalização. Se isso for realizado por um período de quatro ou cinco anos, conseguiremos erradicar a doença clinicamente e, conseqüentemente, haverá uma redução drástica da circulação viral.

Além da sanidade, quais são as outras exigências do mercado internacional de carne bovina?

GUÉDES O consumidor também exige responsabilidade social e sustentabilidade. Ele quer saber o que está comendo, de onde vem a carne e de que maneira o boi foi criado. A rastreabilidade exigida pela União Européia, embora não tenhamos a BSE ou “vaca louca”, deve ser incentivada e bem fiscalizada pelas autoridades de defesa sanitária no campo. Desmatamentos na Amazônia, queimadas e trabalho escravo são temas constantes na mídia internacional. As notícias, na grande maioria das vezes, são exageradas e injustas.

O Brasil não sabe fazer o marketing de sua carne?

GUÉDES Na verdade, os consumidores lá fora têm poucas informações sobre a agropecuária brasileira. Eles não sabem que o Brasil conta com uma moderna rede de frigoríficos. Também desconhecem as condições em que os bovinos são criados, que são muito superiores daquelas que a Europa pratica. Aqui 85% da carne são feitos no pasto. Isso precisa ser mais divulgado no exterior. Precisamos fazer um *marketing* moderno para derrubar os mitos e agregar mais valor à carne brasileira no exterior. No mercado interno, devemos incluir a carne na merenda escolar. É uma forma de educar as crianças e de criar um hábito de consumo de um produto saudável. Os criadores, frigoríficos e exportadores precisam ter uma união forte para consolidar e expandir nossa presença na liderança do mercado internacional da carne bovina e viabilizar nossa entrada nos mercados de alto valor agregado.



SERGIO CARLO FRANCO MORGULIS

Presidente da Asbraz (Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais)

Importância da indústria de suplementos minerais para o desenvolvimento sustentável da pecuária

A pecuária no Brasil vem apresentando um crescimento extraordinário há alguns anos, com elevação não somente dos índices de produtividade dos rebanhos, mas também da qualidade da carne e do leite produzidos. Basta observar a produção de carne vermelha no Brasil, que saltou de 6.650 toneladas de equivalente-carcaça, em 2000, para 8.950 toneladas em 2006, um crescimento de 36 % no período, segundo o MAPA.

Vários fatores têm impulsionado o crescimento da pecuária, entre eles o manejo racional, o eficiente controle sanitário, o avanço da genética e, em paralelo, a indústria de suplementos minerais, que está se especializando cada vez mais na busca de tecnologias inovadoras e soluções em nutrição animal.

Como disse o ex-ministro Roberto Rodrigues, em artigo publicado recentemente na *Folha de S.Paulo*, é a tecnologia que reduz os custos, aumentando a qualidade e a produtividade, colocando o produto ao alcance do gosto e do bolso do consumidor.

O crescimento sustentável da pecuária nacional depende, nos novos tempos, do respeito não apenas ao meio ambiente, como principalmente aos consumidores de carne e leite por meio da preservação da sua saúde.

Essa é uma das razões da necessidade de ofertar ao mercado suplementos minerais cientificamente equilibrados, produzidos com alta tecnologia e por meio de eficientes controles de qualidade, com ética, moral e garantia de segurança ao consumidor.

Com o objetivo básico de garantir a produção de produtos seguros para a alimentação animal, o Sindirações (Sindicato Na-

cional da Indústria de Alimentação Animal), em conjunto com as associações Asbraz e Andifos e o Ministério da Agricultura, elaborou o programa Feed & Food Safety, reconhecido e aceito por clientes e entidades de várias partes do mundo.

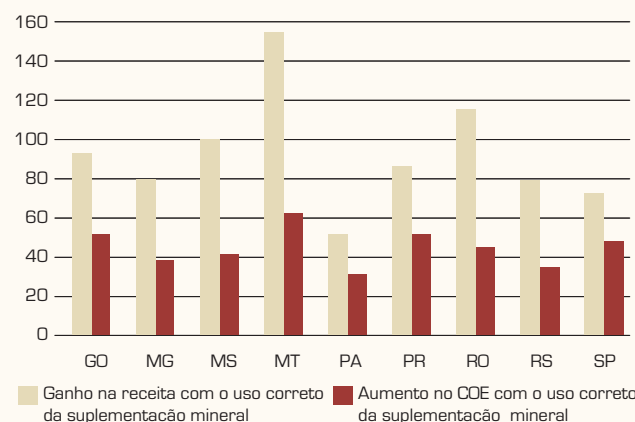
O início do processo de certificação da indústria nacional de suplementos favorece toda a cadeia, ao adquirir maior confiabilidade e elevar o padrão e a segurança dos produtos.

Nos novos tempos da pecuária nacional, a correta suplementação mineral é fundamental para o desenvolvimento sustentável da pecuária, pelo simples fato de gerar benefícios econômicos.

Segundo pesquisas do professor Sergio de Zen, do Cepea/USP, o uso de suplementos minerais promove uma significativa evolução do lucro por hectare das fazendas, devido basicamente ao aumento da produtividade do rebanho. A pesquisa do Cepea/USP destaca ainda que, na ausência de suplementação mineral, há uma forte perda de competitividade do setor por outras atividades agropecuárias.

O uso correto da suplementação mineral é fundamental para ganhos futuros na atividade pecuária, razão pela qual o in-

Ganhos com o uso adequado da suplementação mineral (R\$/ha)



Fonte: Cepea/Esalq-USP

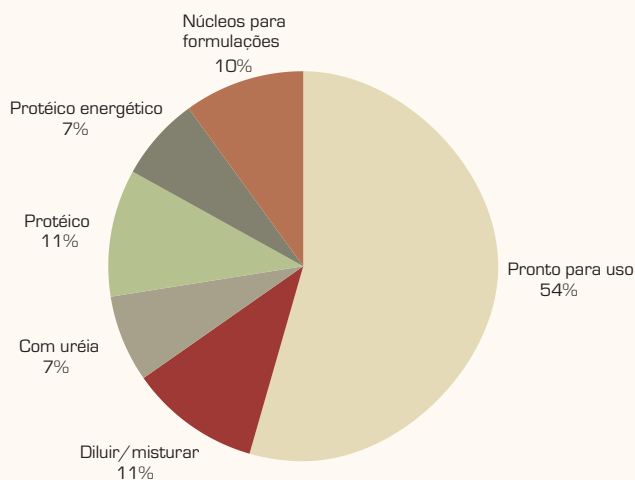
Nota: Em Goiás, há um aumento no COE (Custo Operacional Efetivo), de R\$ 50/ha com o uso do suplemento mineral comparado à ausência total de suplemento. Contudo há um aumento na receita de R\$ 90/ha. Isso significa que o produtor tem um ganho de R\$ 40/ha a mais, ao fazer o uso adequado da suplementação mineral.

sumo deve ser avaliado pelo produtor rural dentro da ótica da relação custo-benefício, e não apenas como mais uma despesa da fazenda. Não utilizar suplementos minerais para bovinos em regime de pasto, alegando redução de despesas, significa perda da eficiência econômica da atividade pecuária.

Particularmente em 2007 o setor de suplementos minerais está enfrentando pressões nos preços das matérias-primas, devido ao grande crescimento da agricultura – ávida por fertilizantes fabricados com a mesma base para a produção de ácido fosfórico e uréia – e da demanda de outros setores por farelos e grãos.

Contudo, as perspectivas da indústria de suplementos minerais continuam sendo de crescimento, uma vez que para o desenvolvimento de uma pecuária de qualidade e sustentável, seu uso correto faz-se cada vez mais necessário. De acordo com dados da Asbram, o volume comercializado de suplementos para a pecuária no ano de 2006 foi superior a 1,8 milhão de toneladas. Esta quantidade é suficiente para suplementar corretamente mais de 80 milhões de bovinos por ano em todo o território brasileiro. Outros 100 milhões de cabeças deverão seguir o caminho da maior produtividade nos próximos anos.

Mercado nacional de suplementos para a pecuária: distribuição por categorias de suplementos em 2006



Fonte: Painel da ASBRAM – Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais.



MARIO SERGIO CUTAIT

Presidente do Sindirações (Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal)

Diretrizes para os próximos três anos

Em 2008, o Sindirações completará 55 anos. Neste período de existência, a entidade destacou-se pelo trabalho incessante para a promoção da indústria brasileira de alimentação animal. Durante 18 gestões, inúmeros líderes do segmento da nutrição de animais deram sua contribuição para o aumento da representatividade do setor no meio acadêmico, no governo, na mídia especializada e com participantes da cadeia da alimentação no Brasil e no exterior.

Nos últimos anos, notadamente, o Sindirações expandiu suas fronteiras. A filiação à Ifif – International Feed Industry Federation, a participação ativa nas discussões no *Codex Alimentarius* na FAO, e a parceria com a Afia – American Feed Industry Association permitiram às indústrias brasileiras de alimentação animal a integração oficial à rede de entidades internacionais do setor, tendo acesso a informações privilegiadas. Ao mesmo tempo, os dados gerados pelas consolidações estatísticas de volume de produção e consumo de matérias-primas e de produtos acabados, apresentados nos boletins trimestrais e no Annual Report, tornaram-se fonte de referência nacional e internacional.

Além disso, a entidade está liderando a criação da Feed Latina – Associação das Indústrias de Alimentação Animal da América Latina e Caribe, que juntas produzem quase 100 milhões de toneladas de alimentos anualmente.

O Programa de Boas Práticas de Fabricação, elaborado pelo Sindirações em 2000 e conhecido anteriormente como BPF, hoje se transformou no Feed & Food Safety – Gestão do Alimento Seguro, tornando-se o único do mundo em alimentação animal a ser reconhecido pelo Eurep (Euro-Retailer Produce Working Group) como equivalente ao seu próprio programa.

Ainda nessa linha de expansão, o Sindirações também organizou duas edições do Global Feed & Food Congress, numa realização conjunta com a FAO e a Ifif, eventos que contaram com mais de uma centena de palestrantes internacionais, especialistas que atraíram cerca de mil participantes altamente qualificados.

Ao final deste ano, o Sindirações contará com quase 200 empresas associadas – 80% da produção brasileira –, e o Brasil terá produzido 52 milhões de toneladas de rações, representando faturamento superior a US\$ 10 bilhões. O País exportará milhões de toneladas de carne bovina, de frango e suína, com geração de divisas e saldo extremamente positivo na balança comercial.

Reconhecendo a importância dos produtos de nutrição animal na cadeia do alimento como um todo, e, especialmente, considerando o cenário mundial da alimentação, a nova diretoria do Sindirações, eleita no último mês de agosto, pautará sua atuação fundamentada em quatro pilares: sustentabilidade, segurança alimentar, isonomia e competitividade.

No próximo triênio, a equipe será composta por 21 integrantes do Conselho de Administração, seis do Conselho Fiscal, 18 diretores setoriais e sete coordenadores de comitês. Entre todos, sete integrarão a diretoria executiva, que contará com um diretor executivo com dedicação integral ao sindicato.

Visando ao pleno cumprimento da missão do Sindirações, que é promover e representar a indústria brasileira da alimentação animal, sendo seu efetivo porta-voz nacional e internacionalmente, destacam-se as metas pelas quais a diretoria direcionará seus esforços no segundo mandato:

Representatividade:

- Ampliação do número de empresas associadas, visando a atingir 90% do mercado brasileiro da alimentação animal.
- Aumento da participação nas Câmaras Setoriais, tanto nacionais quanto estaduais.
- Ampliação do relacionamento com entidades internacionais, como FAO, Ifif, Fefac, Afis, Cfia, LAFIA, Amena, WRO, OIE, WHO.
- Ampliação do relacionamento com entidades nacionais, como MAPA e suas Delegacias, Fiesp, CNA, Anvisa, Receita Federal, Abiec, Abipecs, Abef, UBA, CBNA, Sindan, CNPC, Abag, Inmetro, Senai, Sebrae, CRMVs, Creass, Secretarias Estaduais entre outras.
- Ampliação do relacionamento com parlamentares alinhados com o agronegócio.
- Ampliação do relacionamento com universidades e centros de pesquisa.
- Realização de missões internacionais para integração do empresariado brasileiro a uma agenda globalizada.
- Maior aproximação dos elos da cadeia do alimento e em eventos do setor.

Sustentabilidade:

- Estímulo ao uso de aditivos que minimizam o impacto da produção no meio ambiente.
- Atualização dos conceitos de uso de produtos provenientes de culturas geneticamente modificadas.
- Organização de eventos encontros e palestras.
- Divulgação de tecnologias que priorizem o desenvolvimento sustentável.
- Apoio a programas de responsabilidade social e ambiental.

Segurança Alimentar:

- Estudos técnicos de controle de resíduos e contaminantes.
- Melhoria dos procedimentos e metodologias de análises de ingredientes e produtos acabados.
- Contribuição com as autoridades competentes para a detecção e denúncia de pontos críticos que possam interferir na segurança do alimento e na imagem do setor da alimentação animal.
- Ampliação do número de empresas no programa Feed&Food Safety – Gestão do Alimento Seguro.
- Contribuição à normatização do uso de proteínas animais na produção de rações e suplementos.
- Realização de estudos para eliminar pontos de estrangulamento no abastecimento de matérias-primas.

Ampliação da discussão sobre benefícios, custos e riscos da produção própria na cadeia da alimentação e no comércio exterior.

Isonomia:

- Apoio às regras para registro e fiscalização plena e efetiva em todas as plantas produtoras de alimentos para animais instaladas no Brasil.
- Contribuição à modernização da legislação vigente, incluindo atualizações na rotulagem de produtos.

Competitividade:

- Apoio às autoridades no combate à informalidade.
- Apresentação de propostas e estudos para a redução da carga tributária no setor, atualização das alíquotas de importação e desoneração do setor.
- Realização de ações para maior agilidade nos desembaraços para importação e exportação de produtos.
- Realização de ações para maior agilidade nos registros de produtos no MAPA.
- Negociação de linhas de financiamentos especiais para associados.

Informação:

- Ampliação dos programas de treinamentos técnicos, de qualidade e de gestão.
- Ampliação do Painel de Informações Estatísticas do setor.
- Elaboração do 3º Compêndio da Alimentação Animal.
- Realização de Seminário Nacional da Alimentação Animal.
- Ampliação e melhoria dos processos de comunicação com os associados, mídia, governo, meio acadêmico, consumidores e demais participantes da cadeia do alimento.

Pecuária em análise

Brasil • América do Sul • Mundo

Contexto global

Nos últimos cinco anos é inegável a expressividade ganha pela pecuária nacional em termos globais, quando se analisa o horizonte de 2002 a 2007, em termos de:

- Produção: Índia, China, Brasil, México e Argentina, com crescimento bem acima da média geral. Em contrapartida, houve redução na Rússia, União Européia e nos Estados Unidos;
- Exportação: Brasil explica quase 50% do aumento. As contribuições da Índia, Uruguai e Argentina foram bem menores. Problemas sanitários acarretaram severa queda nos Estados Unidos e na União Européia;
- Importação: houve uma queda na média até 2006, principalmente no México, com tendência de recuperação neste ano, diante das maiores compras dos Estados Unidos, da Rússia e União Européia.

Com o segundo maior rebanho do mundo, atrás somente da Índia, o Brasil, desde 2003, ao superar os embarques da Austrália, passou a ser o maior exportador mundial de carne bovina.

Quando se faz a comparação internacional de custo e característica da produção pecuária, quatro pontos são importantes quanto à utilização da terra para engorda dos animais: pasto; pasto para feno e silagem; outros fenos e silagens e grãos para alimentação.

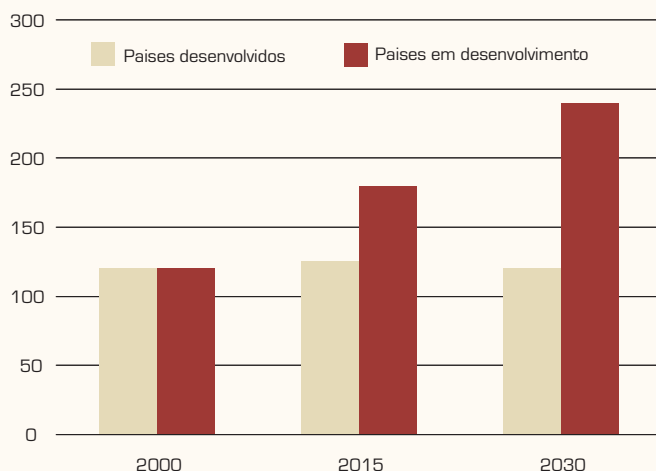
O Brasil e a Argentina são de longe os países que mais utilizam pastagem. Os Estados Unidos em quase 85% empregam grãos. Na Itália e Inglaterra predominam os pastos para feno e silagem. França, Dinamarca e Canadá empregam bastante outros fenos e silagens. Nos demais países há um *mix* no esquema de alimentação e nutrição.

Enquanto o ganho de peso, em termos de gramas por dia, varia de 200 a 300 no Brasil e na Argentina, na Espanha e Itália passam de 1200. O intervalo de variação é de larga amplitude. Em valores de 2006, o custo de produção com depreciação, em US\$ por 100 quilos, vai de 100 no Brasil para o pico de acima de 600 na Alemanha.

Já o preço em US\$ da carcaça de 100 quilos varia de 350 a 400 na Áustria, Espanha e França, contra 160 a 180 no Brasil e na Argentina. Os subsídios concedidos à produção no primeiro mundo melhoram os seus níveis de rentabilidade (Fonte: CNA/Cepea).

No mercado internacional, nos últimos trinta anos, houve uma suave baixa de 10% nos países desenvolvidos, mas com um aumento significativo de 50% nos países menos desenvolvidos. As estimativas apontam para um aumento na demanda em 2020 de 5 milhões de toneladas nos países desenvolvidos e 20 milhões de toneladas nos demais.

Mundo: consumo de carnes por região
(milhões de toneladas)



Fonte: FAO

Movimentos e Tendências

- A globalização incrementou o poder aquisitivo de 500 milhões de consumidores no Sudeste Asiático, China e Índia nos últimos vinte anos. Essa mesma quantidade se repetirá nos próximos anos;
- Ações mais fortes da OMC em prol da liberalização do comércio agrícola mundial, que representa apenas 8% do total, darão um novo reordenamento no mapa dos exportadores e importadores;
- Com aumento no número de países, menos recursos na UE ficam comprometidos com a agricultura: os subsídios para a produção diminuem, a oferta interna recua e as importações crescem;
- Até 2010, aproximadamente 80% dos ruminantes serão criados nos países em desenvolvimento;
- Crescimento internacional de produtos limpos diante das crises sanitárias recentes;
- Venda de serviços ambientais (Protocolo de Kyoto);
- Aumento no custo de alimentação no sistema de confinamento com a produção de biocombustíveis;
- Tratados de livre comércio com EUA e a UE.

Mundo: produção de carne bovina (mil toneladas equivalentes carcaça)

País	2002	2003	2004	2005	2006 *	2007 **	Var [06/02]
EUA	12.437	12.039	11.261	11.317	11.897	12.158	-4,26%
Brasil	7.300	7.700	8.350	8.750	8.950	9.200	22,60%
UE	8.145	8.061	8.007	7.770	7.880	7.880	-3,25%
China	5.846	6.305	6.759	7.115	7.500	7.910	28,29%
Argentina	2.700	2.800	3.130	3.200	3.100	3.150	14,81%
Índia	1.810	1.960	2.130	2.250	2.375	2.500	31,22%
México	1.930	1.950	2.099	2.125	2.175	2.200	12,69%
Austrália	2.089	2.073	2.081	2.102	2.150	2.920	2,92%
Rússia	1.740	1.670	1.590	1.525	1.480	1.380	-16,09%
Canadá	1.294	1.190	1.496	1.523	1.375	1.335	6,26%
Outros	5.960	4.347	4.424	4.697	4.649	4.704	-22,00%
Total	51.241	50.095	51.327	52.374	53.531	54.337	4,43%

Fonte: USDA * preliminar ** previsão

Mundo: exportação de carne bovina (mil toneladas equivalentes carcaça)

País	2002	2003	2004	2005	2006 *	2007 **	Var [06/02]
Brasil	1.006	1.301	1.854	2.198	2.200	2.420	118,69%
Austrália	1.366	1.254	1.394	1.413	1.420	1.495	3,95%
Índia	417	439	499	627	750	800	79,86%
N.Zelândia	486	558	606	589	540	570	11,11%
EUA	1.110	1.142	209	317	523	680	-52,86%
Uruguai	262	325	410	487	510	520	94,66%
Argentina	348	386	623	762	500	600	43,66%
Canadá	609	383	557	551	455	440	-25,59%
UE	485	388	358	255	200	200	-58,76%
Outros	310	279	279	224	153	164	-50,65%
Total	6.399	6.455	6.789	5.227	7.251	7.889	13,31%

Fonte: USDA * preliminar ** previsão

Mundo: importação de carne bovina (mil toneladas equivalentes carcaça)

País	2002	2003	2004	2005	2006 *	2007 **	Var [06/02]
EUA	1.459	1.363	1.669	1.632	1.439	1.524	-1,37%
Rússia	719	720	730	993	840	905	16,83%
Japão	712	851	647	700	693	765	-2,67%
UE	461	463	584	599	540	560	17,14%
México	489	370	287	325	365	375	-25,36%
Egito	173	123	168	214	225	240	30,06%
Coréia	430	444	218	243	193	230	-55,12%
Canadá	308	274	111	133	150	260	-51,30%
Filipinas	126	129	164	140	142	248	12,70%
Outros	365	337	313	444	420	458	15,07%
Total	5.242	5.074	4.891	5.423	5.007	5.565	-4,48%

Fonte: USDA * preliminar ** previsão

Potencial brasileiro

Com uma produção obtida de bovinos criados a pasto, o chamado boi verde, 100% natural, o Brasil depara com as seguintes oportunidades e desafios:

- Erradicação da febre aftosa;
- Abertura de novos mercados: Estados Unidos, União Europeia, Japão, Coreia e outros.
- Efetivação de acordos bilaterais e multilaterais para maior liberalização do mercado de carne bovina: Organização Mundial do Comércio, Acordo Mercosul e União Europeia e outros.

As projeções da FAO e da OCDE de 2006 para 2015 apontam que, em milhões de toneladas em equivalente carcaça, as exportações saltam de 8,4 para 10,2 e as importações de 7,5 para 9,3. São indicadores de fontes avalizadas de mercado crescente.

Por sua vez, há todo um espaço de crescimento mediante uma melhoria geral no desempenho dos índices zootécnicos. A taxa média de desfrute brasileira (animais abatidos em relação ao tamanho do rebanho) ainda está bem aquém da obtida em outros países. É claro que internamente já se encontram criações com registros de produtividade de alta competitividade mundial.

Na hipótese da taxa de desfrute passar de 21,67% para 30,00%, a produção nacional teria um incremento de 38%, suficiente para atender a um crescimento das exportações de 156%. Isso certamente asseguraria a liderança do país no *ranking* global.

Mundo: desfrute na pecuária

País	Taxa de desfrute
Estados Unidos	37%
União Europeia	34%
Austrália	32%
Canadá	29%
Argentina	26%
Brasil	22%

Fonte: USDA

Brasil: simulação de aumento na taxa de abate na pecuária de corte

Item	2006 (Estimativa preliminar)	Projeção (taxa de abate de 30%)
Rebanho bovino (milhões de cabeças)	204,70	204,70
Taxa de abate (%)	21,67	30,00
Abate (milhões de cabeças)	44,40	61,40
Produção *	8.950,00	12.400,00
Consumo *	36,60	36,60
Exportação *	6.780,00	6.780,00
Importação *	2.200,00	5.650,00
Consumo per capita **	30,00	30,00

Fonte: Fórum nacional permanente da pecuária de Corte

* mil toneladas em equivalente carcaça

** quilos em equivalente carcaça em relação a população

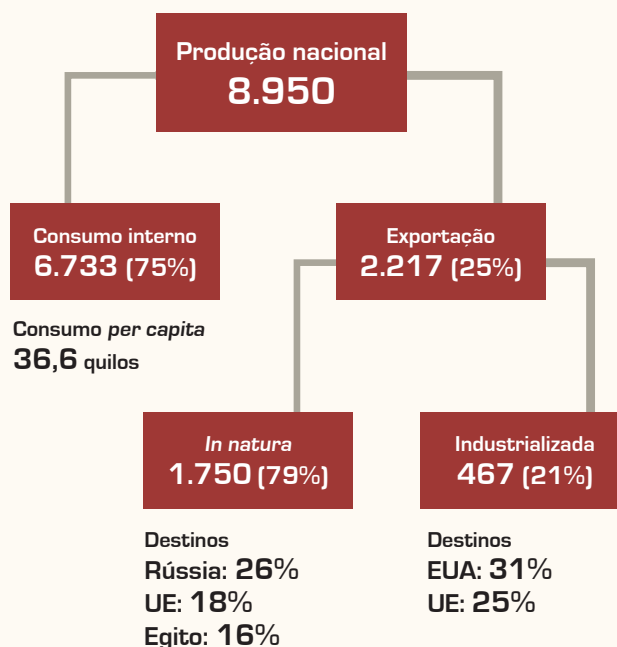
Com relação a indústria de processamento, a estrutura é fragmentada, mas a parcelas das exportações é bem concentrada. Dois frigoríficos (Friboi e Bertin) respondem por 57% das exportações das carnes industrializadas. Outras empresas crescem de forma rápida.

Brasil: exportações dos frigoríficos (mil toneladas)

Frigorífico	2003 (a)	2004 (b)	Participação em 2004%	(b)/[a] %
Friboi	156	236	17	51
Bertin	131	162	12	24
Minerva	113	147	11	30
Independência	109	120	9	10
Marfrig	65	119	9	83
Margem	30	80	6	267
Estrela D'Oeste	30	74	5	147
Farnco Fabril	35	61	4	74
Mercosul	25	51	4	104
Bom Charque	14	38	3	171
Outros	203	271	20	33
Total geral	911	1.359	100	-
Total: 5 maiores	574	784	58	-

Fonte: Abiec

Brasil: destino da carne em 2006 (mil toneladas)



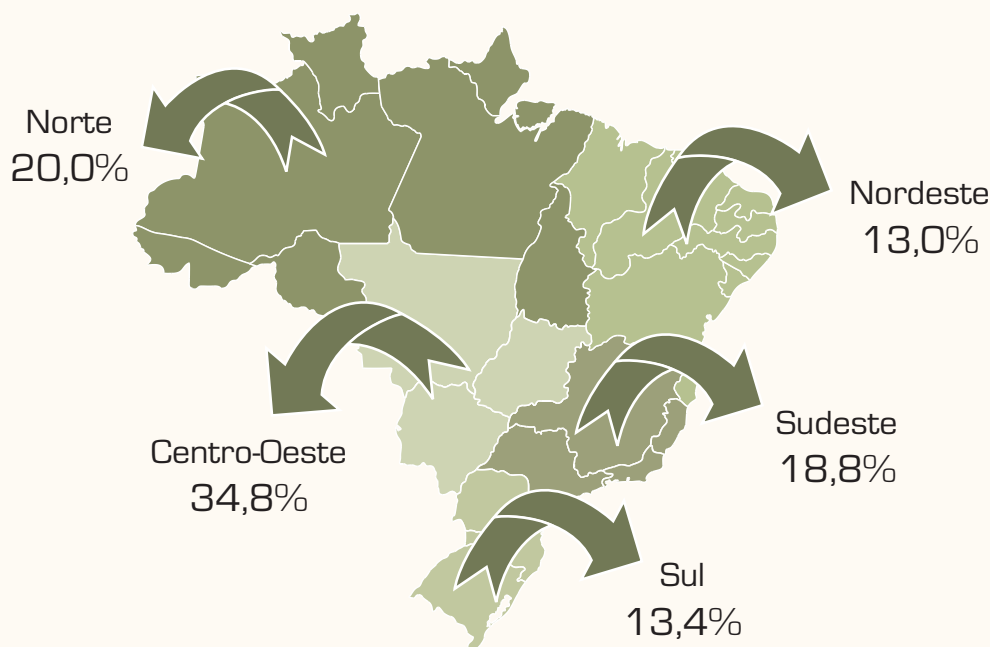
Fonte: Abiec

Mais informações: International Meat Conference.

Antenor de Amorim Nogueira, Presidente do Fórum Nacional Permanente da Pecuária de Corte.

Brasil: distribuição do rebanho bovino em 2006

204 milhões de cabeças



Fonte: IBGE

ARGENTINA

Aumento da Produção

O rebanho argentino é explorado em 193 mil estabelecimentos pecuários, dos quais 42% estão concentrados na região pampeana, onde estão 67% do rebanho bovino, estimado em 56 milhões de cabeças.

Com a expansão da sojicultura nos últimos dez anos, a pecuária argentina perdeu 8 milhões de hectares no Pampa Úmido. Apesar da atividade se deslocar para as áreas mais marginais, há registro de ganhos na taxa de desfrute, de 23% para 26%. Com isso, a produção tem aumentado.

Argentina: pecuária em 2005

Abate (cabeças)	14.251.529
Abate médio mensal (cabeças)	1.187.641
Peso da carcaça (quilos)	220
Composição	33% de novilhos e 43% de fêmeas
Produção (milhões de t com osso)	3.130

Fonte: SRA

A capacidade de abate dos frigoríficos, de 20 milhões de cabeças, é suficiente para uma produção potencial de 4,4 milhões de toneladas. A capacidade ociosa de 2005 foi estimada em 30%.

Argentina: indústria frigorífica bovina

Abate mensal (cabeças)	número de frigoríficos					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005
> 15.001	13	13	8	8	12	16
5001 a 15000	54	48	56	53	66	61
1001 a 5000	184	144	117	116	121	114
< 1000	148	175	230	239	289	297
Total	399	380	411	416	488	488

Fonte: Secretaria de Agricultura, Pecuária, Pesca e Alimentos da Argentina

O consumo interno é crescente, em torno de 80% do total produzido, apesar dos transtornos causados pelos aumentos de preços. As exportações correspondem a 20% do total produzido, com intervenções e limitações impostas pelo governo para não prejudicar o abastecimento e provocar inflação no país.

Recentemente, há um conflito emergente no escoamento da carne, se para o desenvolvimento do mercado interno ou externo, diante das:

- Exportações impulsionadas pela forte demanda da Rússia, do Chile e da UE e da reabertura, no médio prazo, dos mercados norte americanos;
- Ações de proibição e impostos sobre exportação perpetradas pelo governo;
- Concorrências com a agricultura em terras cultiváveis.

Criadores, indústrias e governo realizam plano para aumentar a produção em 12 milhões de toneladas nos próximos dez anos, com investimentos privados:

- Taxas de desmame maiores;
- Melhorar a produtividade por hectare;
- Maiores pesos de abate;
- Taxa de desfrute acima de 30%.

As perspectivas são de que a Argentina, no curto prazo, em termos gerais, mantenha sua participação no mercado mundial, de modo a se posicionar no nicho de alta qualidade, não de volume, até que internamente a produção seja aumentada e o consumo moderado.

Mais informações: International Meat Conference.
Pecuária Argentina em Cifras - Marcelo Fielder.

URUGUAI

Alianças estratégicas

Os agronegócios contribuíram para superar a recessão no país, de 1999 a 2003, sendo responsável por 75% das exportações, das quais um terço é representado pela carne vermelha.

O aumento da produtividade é a resposta lógica à forte concorrência pelo uso do solo causada pela expansão do reflorestamento e da agricultura não-irrigada. Os investimentos em terra como ativo reserva de valor pressiona o preço do hectare de pastagem.

O rebanho pecuário do Uruguai, depois de oscilar entre 9 a 10 milhões de cabeças entre 1996 e 2002, mudou para o patamar de 11 a 12 milhões. Em 2005, a quantidade foi de 11,7 milhões. Nos últimos cinco anos, as melhorias foram significativas:

- O abate cresceu de 1,60 para 2,60 milhões de cabeças;
- A taxa de desfrute subiu de 16% para 22%;
- O peso médio de abate do novilho é de 480 quilos, com idade média de abate aos 3 anos e rendimento de carcaça de 54%.
- Cerca de 2,8 milhões de hectare de pasto foram recuperados.

Os desafios estão em continuar o aumento da eficiência, competitividade e do dinamismo das empresas agropecuárias. O entorno macroeconômico tende a continuar restritivo (política fiscal, cambial e de crédito). Ao mesmo tempo, é fundamental desenvolver alianças estratégicas para agregação de valor aos produtos.

Reconhecido pela Organização Internacional de Epizotia como país livre de BSE (doença da vaca louca) e de febre aftosa com vacinação, o Uruguai lidera a coordenação regional para erradicar a doença na América do Sul.

Características Positivas

1. Ecologia

- Solos de fertilidade média e alta, em geral não muito profundos, com bastante heterogeneidade, com necessidade de manejo cuidadoso e diferenciação dos lotes;
- Regime pluviométrico médio abundante (1200 milímetros por ano), porém com uma distribuição não-homogênea ao longo do ano, com limitação para a prática agrícola;
- Boa rede hidrográfica com potencial para a irrigação artificial não totalmente explorado;
- Déficit na produção de pastos no inverno, parcialmente superado com a introdução de espécies e com reservas forrageiras para consumo diferenciado;

2. Produto natural

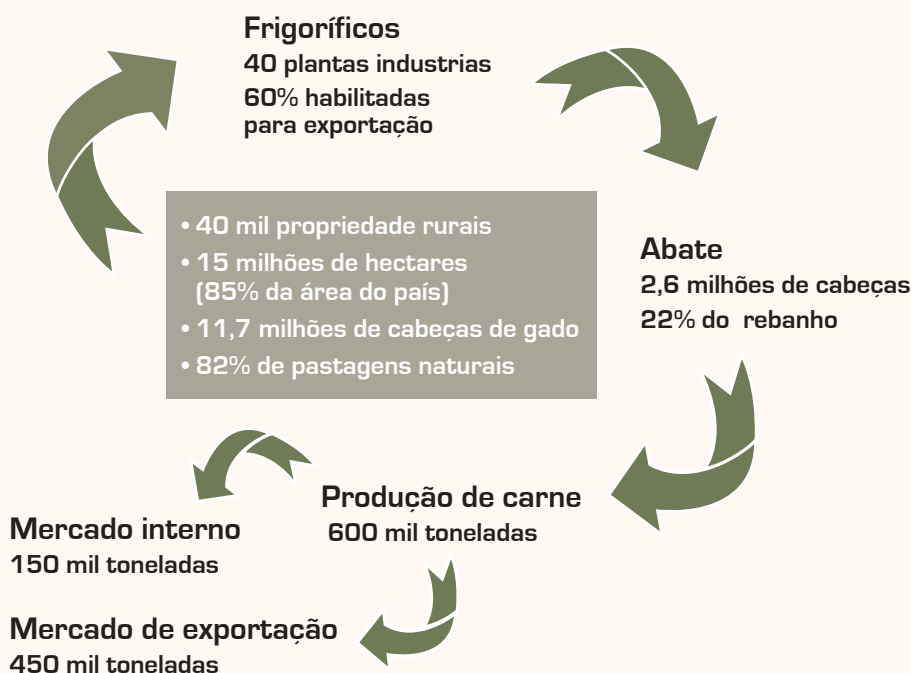
- Animais criados a céu aberto, com boa disponibilidade de pastos, aguadas e abrigo. Cuidado com o bem-estar animal em todas as etapas da vida produtiva até o abate;
- Proibido o uso de hormônios e promotores de crescimento (proibidos por lei) e de antibióticos, os quais podem ser usados somente em condições excepcionais e devidamente registrados;
- Integração de bovinos e ovinos em sistema mistos, que respeitem os ciclos naturais de crescimento e beneficiem as pastagens naturais e o meio ambiente;
- Condição sanitária elevada obtida com rígidos controles técnicos (vacinação contra febre aftosa, proibição do uso de ração de origem animal para controle do BSE e nenhum caso de *E. coli*)

3. Rastreabilidade

- Implantação da rastreabilidade individual obrigatória em 2006 para os animais nascidos nesse ano. Os produtores estão conscientes sobre a importância do sistema e a campanha tem sido um sucesso.
- Por ser um país pequeno (600 km de Norte a Oeste e 400 km de Leste a Oeste), e homogêneo culturalmente, fica mais fácil o controle nas campanhas de vacinação, na implementação da rastreabilidade e em qualquer outra inovação tecnológica;

As raças Hereford e Aberdeen Angus e seus cruzamentos representam mais de 90% do rebanho de gado de corte, com padrão genético diferenciado no Mercosul.

Uruguai: cadeia produtiva de bovinos (2006)



Fonte: Ministério de Pecuária, Agricultura e Pesca do Uruguai

COLÔMBIA

Cenário para 2019

A pecuária será uma atividade econômica mais moderna, produtiva, rentável, solidária e respeitadora do meio ambiente, para benefício do criador e do desenvolvimento econômico, social e ambiental do campo colombiano.

Para isso, elevará seu nível de competitividade ao padrão internacional, com o fim de se consolidar no mercado nacional e acessar com força os principais mercados internacionais de carne e leite, por meio da modernização dos processos produtivos e o fortalecimento da organização associativa de seus produtores.

Colômbia: números da pecuária

Item	2004	2019	
		Otimista	Moderado
Rebanho (milhões de cabeças)	23	48	31
Pasto (milhões de ha)	38	28	33
Apascentamento (cabeças/ha)	0,6	1,7	0,9
Taxa de desfrute (abate em relação ao rebanho)	16%	20%	18%
Produção (mil toneladas)	759	1.440	1.056
Habitantes (milhões de pessoas)	42	48	48
Consumo <i>per capita</i> (kg/ano)	18,0	30,0	22,0

Fonte: Ministério de Agricultura e Desenvolvimento Rural da Colômbia

No cenário otimista, a meta é exportar 50 mil toneladas de carnes de alta qualidade (gado angus, simental, limousin e romosinuano) e 400 mil toneladas para mercados não-especializados (gado zebuino).

Os países com vocação exportadora na pecuária possuem:

- Um rebanho mais numeroso que a população;
- Idade de abate baixa e altas taxas de natalidade.

Pontos Fortes

- Alimentação natural durante todo o ano em condições climáticas adequadas;
- Áreas aptas para aumentar a quantidade de animais, sem afetar o meio ambiente e o bem-estar animal;
- Mão-de-obra qualificada;
- Modelo de produção livre de hormônios e substâncias anabolizantes;
- Avanços na área genética com suprimento de materiais dos líderes mundiais;
- Mercado interno potencial para a expansão do setor;
- Mudanças profundas na política sanitária: 76% do rebanho são reconhecidos como livres de vacinação em 72% do território nacional

Pelo tamanho de seu mercado interno, a Colômbia requer uma oferta para atender aos nichos de consumo de alta capacidade aquisitiva com produtos com alto valor agregado:

- Produtos orgânicos, naturais e ecológicos;
- Cortes diferenciados, de fácil preparação e consumo.

O modelo exportador está fundamentado em duas estratégias de mercado:

- Manutenção: Venezuela, Peru e Aruba;
- Diversificação: Israel, Caribe, Rússia, Suíça, EUA, UE, México, Japão e Coreia.

Mais informações: International Meat Conference.
El Futuro de la Ganaderia en Colombia.

Mais informações: International Meat Conference.

Os Sistemas Pecúários no Uruguai e suas Perspectivas – Guzmán Tellechea.
Associação Rural do Uruguai.

O Posicionamento do Uruguai no Comércio Mundial de Carnes – Luiz A Fratti

- Crescente e conveniente diversificação de proteínas de origem animal;
- A preferência pela carne não é influenciada pelas crises sanitárias;
- A demanda de carne bovina responde a padrões culturais, hábitos e costumes arraigados;
- A falta de inovação não foi fator importante na demanda por outras carnes;

Do ponto de vista mais geral, seria mais saudável uma alimentação diversificada de proteínas cárneas. Campanhas de *marketing* poderiam ajudar. Na questão da oferta, as cadeias de frango e suína têm menores tempos de resposta para atender certas “urgências”. É o caso de uma crise de oferta de carne bovina.

Mais informações: International Meat Conference.

O Desafio da Carne Bovina: Crescimento Constante ou Canibalização pelas outras Carnes? Arturo Llavallol, IPCVA

ARGENTINA

Crescimento ou canibalização

Apesar do crescimento no consumo mundial de carnes, a participação relativa dos produtos bovinos caem, enquanto a de aves cresce em maior ritmo, seguida de menor intensidade pela de suínos. Nas demais carnes, o quadro é de estabilidade.

A grande explicação para esse movimento está na comparação dos preços: nos EUA, os preços dos frangos e depois dos suínos são bem menores em relação aos dos bovinos. Há também uma mudança na natureza das inovações nas mudanças dos hábitos de consumo da população.

Mundo: participação no consumo de carnes (%)

Carne	1975	1995	2000	2005
Ave	16	26	29	29
Bovina	39	27	25	24
Suína	36	40	40	43
Ovina	6	5	4	3
Outras	3	2	2	1

Fonte: USDA

A Argentina, onde a diferença de preço entre as carnes é bem menor, o mercado da carne bovina é motivo de permanente intervenção do governo no setor. Sem motivos para tal, as preocupações do consumidor argentino com a qualidade sanitária e nutricional dos produtos cárneos praticamente não existem.

O consumo de carne está ligado ao atributo percebido pelo consumidor: cor, cheiro, macia/suave, sabor, digestão, magra/gorda. No caso específico da Argentina, cabem as seguintes reflexões:

EUROPA

Mercado atraente

Os exportadores mundiais de carne bovina olham com carinho para a UE por três fatores básicos:

- Recuperação da demanda, após a queda no começo da década, com a ocorrência do BSE (vaca louca);
- Declínio da produção:
 - a) Reforma da Política Agrícola Comum;
 - b) Custos elevados: escala, padrões etc.;
 - c) Demanda por terras cultiváveis.
- Crescentes Importações
 - a) Pressão de demanda;
 - b) Negociações na OMC.

A maior segmentação dos mercados de carne no varejo da UE reduz o tamanho da *commodity*. Os preços são estabelecidos em função da qualidade do produto, com estabelecimento de desconto e prêmio. Espaços se abrem para as mercadorias da América do Sul com qualidade consistente.

Essa mudança estrutural produz um novo modelo nas cadeias de suprimento da UE, de modo a tornar o varejo mais acessível às importações. A dependência dos exportadores do setor de cozinha industrial (*catering*) tende a ficar menor.

Os produtores europeus tendem a ser defensivos nas questões associadas a:

- Status de doenças;
- Rastreabilidade e transparência;
- Qualidade e consistência da qualidade;
- Responsabilidade e confiabilidade;
- Degradação do solo;

- Bem-estar animal, OGMs e antibióticos.

Os preços das carnes seguem firmes no mercado, mas varia de maneira significativa de acordo com a origem do produto. São variações de 20% a 30%. Para a UE, é um grande desafio e, para a América do Sul, uma grande oportunidade.

Desafios europeus

- **Desvantagens de custos:**
 - Fragmentação das propriedades rurais e da indústria (excesso de capacidade);
 - Elevados padrões regulatórios;
 - Suporte pecuniário para o ambiente, a cultura e a estrutura;
 - Fabricação de laticínios;
 - Produção especializada de carne bovina;
 - Diferenciar produtos europeus (locais) de carne;
 - Defesa contra as importações;
 - Defesa política e comercial;
 - Aumento estrutural nos preços dos cereais e oleaginosas;
 - Queda de produção;
 - Baixa nos estoques;
 - Aumento na demanda de biocombustíveis (colza para biodiesel e trigo para etanol);
 - Aumento nos custos de produção;
 - Crescimento dos preços.
- Riscos sanitários:
 - ALH5N1;
 - BSE: queda de registros;
 - VCJD (Creutzfeldt-Jakob disease), baixa incidência;
 - Febre aftosa: perigo da América do Sul.

Mais informações: International Meat Conference.
Perspectivas Europeias. Richard Brown. Gira



Saúde animal e comércio internacional

A revolução alimentar passa:

- Pelo aumento da demanda por proteína de origem animal: de um a dois bilhões de pessoas saíram da linha de pobreza e houve uma ocidentalização de costumes na Ásia e América Latina.

Os fatores de risco de doenças em animais e zoonoses decorrem de:

- Aumento das distâncias e da rapidez das viagens;
- Movimento de pessoas: viagens (1,4 bilhão de passagens aéreas por ano); guerra e fome; desordens sociais e políticas, desigualdade econômica e social.
- Concentração da população com a urbanização e animais em sistemas confinados
- Comércio de alimentos, animais e plantas;

O mundo virou uma aldeia global. Há uma mistura de pessoas, animais e agentes infectantes sem precedentes na história. Os problemas vão além dos territórios nacionais, afetam milhares de pessoas e são geradores de instabilidade. As notícias circulam muitas vezes sem estar baseadas em fatos científicos.

O controle de doenças infecciosas na aldeia global requer coordenação para diagnósticos e respostas rápidas. O Acordo de Medidas Sanitárias e Fitossanitárias na OMC visam a:

- Acabar com a discriminação sem esclarecimentos em torno das doenças;
- Segregar a população como a principal alternativa de evitar a disseminação da doença;
- Reconhecimento da falácia da Teoria do Risco Zero;
- Estabelecer padrões, guias e recomendações internacionais.

As entidades responsáveis são:

- Office International des Epizooties (OIE), com 168 países membros;
- *Codex Alimentarius*;
- International Plant Protection Convention.

Papel da OIE com relação ao bem-estar e saúde animal, bem como com questões da qualidade dos alimentos:

- Aplicar medidas de controle de maneira coerente para todos os países;
- Resolver controvérsias entre setores públicos e privados;
- Garantir segurança ao comércio internacional;
- Harmonizar a legislação os métodos de controle de doenças.

O desafio é de natureza:

1. Política e cultural
 - O controle de doença animal é uma função pública;
 - Um trabalho efetivo exige cooperação internacional;
 - Situações de pobreza e de saúde animal estão associadas e precisam de solidariedade internacional;
 - Uso de doença como barreira não-tarifária;
 - Os gastos realizados representam investimento, e não custo corrente;

- Necessidade de serviço veterinário nacional para aplicação dos padrões internacionais;
 - Produtores assumirem a função;
 - Aplicação da ciência;
 - Investimento nas ferramentas de prevenção e controle.
2. Organização
- Fortalecimento dos serviços veterinários e laboratoriais;
 - Integração dos controles de saúde, bem-estar animal e segurança alimentar;
 - Integração do setor privado no controle da atividade;
 - Integração de serviços veterinários e de saúde pública;
 - Integração na OIE;
 - Adaptação do *curriculum* veterinário para operar em todo o mundo;
 - Treinamento para uso das ferramentas existentes.
3. Técnica
- Risco de análise;
 - Zoneamento e compartimentos;
 - Monitoramento e vigilância;
 - Vacinação e técnica Diva (Diferenciação das infecções de animais vacinados)
 - Bem-estar animal
 - Segurança alimentar.

Mais informações: International Meat Conference.
Animal Health Importance in International Trade - Vincenzo Caporate.

Febre aftosa

Estudo elaborado pela Universidade da Califórnia, em Davis, para avaliar o custo da ocorrência de febre aftosa no Vale Central do estado, apontou um valor de US\$ 1 milhão a US\$ 3 milhões para cada hora em que a doença não fosse diagnosticada. Outros fatores de risco poderiam entrar no estudo, de modo a aumentar ainda mais esses custos projetados.

Com a ocorrência da febre aftosa no Reino Unido e na América Central, ficou evidente a necessidade de tomar uma atitude para ajudar na sua erradicação. A Organização Pan-Americana da Saúde e o Departamento de Agricultura dos EUA co-patrocinaram uma conferência liderada pelo Dr Juim Butler. Foram convidados para o evento ministros da Agricultura, autoridades de sanidade animal e do setor privado.

Realizado em março de 2004, da Hemispheric Conference for the Eradication of Foot and Mouth Disease (Conferência do Hemisfério para a Erradicação da Febre Aftosa) saiu a Declaração de Houston. A proposta constituiu-se na montagem de um plano de ação a ser executado de 2006 a 2020, por meio da formação do Grupo Interamericano Para a Erradicação da Febre Aftosa (Giefa), composto de 12 membros: seis das regiões

Cohefa, quatro do Paraguai, Equador, da Bolívia e Venezuela e dois dos setores público e privado.

Plano do Giefa

- Projeto de US\$ 48.323.000 ou US\$ 9.665.000 por ano;
- O recurso complementa o projeto de erradicação de febre aftosa em cada país;
- A verba vem de doadores, patrocinadores e empréstimos;
- Doadores e patrocinadores podem escolher os parceiros para administrar os fundos;
- Possíveis verbas de áreas livres de febre aftosas.

As funções do Giefa são:

- Aprovar os doadores;
- Analisar os planos regionais;
- Verificar o cronograma das atividades e do uso dos investimentos;
- Acompanhar as atividades e os investimentos.

Febre aftosa na América do Sul

Ano	Focos
1976	16.087
1980	11.460
1985	4.917
1995	1.846
2001	4.367
2004	96
2005	86
2006	21

Fonte: USDA/GIEFA

Na América do Sul:

- Os focos sofreram drástica redução;
- O problema persiste em áreas críticas muito limitadas;
- Os países do Mercosul estão fortemente motivados a co-operar, por conta das imensas perdas resultantes dos últimos focos.

Casos de febre aftosa na América do Sul

País	2002	2003	2004	2005	2006
Venezuela	9	52	34	13	11
Guiana	Livre	Livre	Livre	Livre	Livre
Colômbia	8	0	2	1	0
Equador	108	6	42	23	7
Brasil	0	0	0	39	1
Peru	0	0	0	26	0
Bolívia	88	9	19	0	0
Paraguai	0	1	1	0	0
Uruguai	0	0	0	0	0
Argentina	1	1	0	0	2
Chile	Livre	Livre	Livre	Livre	Livre

Fonte: USDA/GIEFA

Em 2005, foram investidos nos programas de combate à febre aftosa na América do Sul: US\$ 300 milhões pelo setor público e US\$ 300 milhões pelo setor privado. O novo orçamento do plano quinquenal é de US\$ 41.078.000.

Dentre as últimas realizações estão:

- Doação do governo brasileiro de 2 milhões de doses de vacina para o Giefa e a Bolívia e de US\$ 1,8 milhões para a Panaftosa;
- O Fundo para Convergência Estrutural do Mercosul (Focem) liberou US\$ 16,3 milhões para erradicar a febre aftosa durante a reunião de Cúpula do Rio em janeiro deste ano;
- Liberação de fundos USA PL 480 para o programa de erradicação da febre aftosa.

Atividades do GIEFA em 2006

- Participação em 29 eventos;
- Missão americana do agronegócio no Brasil, Paraguai, Equador e na Bolívia;
- Reunião em São Paulo com o setor privado do Mercosul;
- Duas reuniões com o Comitê Veterinário Permanente do Mercosul;
- Seminário do Banco Interamericano de Desenvolvimento em Uberaba;
- Reuniões regionais: Tartagal (Argentina); Santarém e Londrina (Brasil); Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Quito (Equador);
- Reunião em Washington com USDA, FAO, IICA e PAHO;
- Visita à iniciativa privada nos EUA;
- Discussões com exportadores de carne do Brasil, Paraguai e da Argentina.

Próximas ações e conclusões:

- Recursos internacionais apenas para auxiliar regiões e países: Bolívia, Paraguai e Equador;
- Convite para a Venezuela integrar o plano;
- Liberdade de escolha de parceiros para doação ou patrocínio;
- Administração dos recursos pelos governos ou instituições internacionais;
- Acordos prévios para pagamento dos serviços das instituições;
- Pagamento de bônus ou recompensa para os trabalhos de campo, se a área ficar livre de foco;
- A unidade executiva deve realizar o plano do Giefa;
- Recursos alocados e administrados por meio dos cumprimento de contratos.

Bem-estar animal

“A grandeza de uma nação e seu progresso moral podem ser julgados pela forma como seus animais são tratados”

M.K.Ghandi na *Enciclopédia Britânica*, verbete Advocacia para os animais

Durante muito tempo, na pré-história, os homens usaram os animais para práticas agrícolas, sacrifícios e cultos às divindades. A partir de sua domesticação, quando passaram a ser observados e percebidos em seu comportamento, os animais passaram a ser vistos de outra maneira.

De acordo com Elisabeth de Fontenay (1999) “a classificação tradicional humanística, ao separar o homem de outras criaturas, concede-lhe o direito sobre elas. O desafio é construir uma nova taxonomia, com a proposta da continuidade de todas as criaturas livres e quebrar o narcisismo do antropocentrismo”.

A presente questão é:

- O que é um animal?
- O que podemos ou poderíamos fazer com um animal?
- Quais são os limites de uma nova moral quanto ao uso do animal?

Se tivessem inteligência como a entendemos, os animais teriam capacidade de resolver problemas, sentir emoções e de aceitar e recusar atribuições. A fronteira entre homem e animal desapareceria.

O tratado no Protocolo de Proteção e Bem-Estar Animal da UE reconhece oficialmente a capacidade de consciência básica dos animais, quanto a ações dos outros, avaliação de risco, alguns sentimentos e graus de conhecimento.

Nos EUA, diante das pressões sobre as indústrias, Burger King, McDonald's e Wolfgang Puck pretendem comprar ovos e carnes obtidos a partir de processos de produção padronizados e humanitários. Países exportadores questionam se não são medidas protecionistas. O tema fica internacional.

Os argumentos obedecem à sequência histórica do anti-racismo (abolição da escravidão), anti-seco (libertação feminina) e anti-espécie (liberação animal) e destacam o balanço energético do mundo e o impacto das criações na mudança climática. O estudo *Livestock's Long Shadow*, produzido pela FAO em 2006, aponta a indústria da carne vermelha como a responsável por 18% da emissão dos gases de efeito estufa.

Na OMC, a OIE reconhece que “o tema do bem-estar animal é assunto complexo, multifacetado por questões políticas do ponto de vista científico, ético, econômico e político”.

De qualquer forma, nas discussões sobre a produção da agricultura e alimentos, junto com a parte econômica, ambiental e social, os critérios de bem-estar integram a agenda.

Mais informações: International Meat Conference.

Visão Geral do Giefa.

Animal Welfare & The Industry Challenges Ahead – Nils Beumond Iterbed (IMS AW Committee)

Mais informações: International Meat Conference.

Visão Geral do Giefa – Philip E. Bradshaw (presidente Interino do Giefa).

CONCEITO

Bem-estar animal

Como parte dos debates em torno da agricultura e do alimento surgem as questões ligadas ao bem-estar animal, à qualidade do alimento e à proteção ambiental. As ONGs pressionam os governos, e os possíveis impactos negativos recairão sobre a produção devido às seguintes causas:

- Novo potencial para aplicar barreiras não-tarifárias;
- Bem-estar animal e melhor ambiente não são discutidos na OMC;
- Mais exigências dos consumidores.

O Guia da OIE, adotado em 2005, sobre o Código de Bem-Estar Animal trata:

- Do abate de animais;
- Descarte de animais por doenças e seu controle;
- Transporte de animais por terra, mar e ar.

Os princípios básicos do Guia dispõem sobre:

- Qualificação e treinamento personalizado;
- Procedimentos operacionais estabelecidos e escritos

- Melhoria no bem-estar animal pode resultar em mais produtividade e qualidade;
- Resultados para comprar padrões de bem estar animal.

O *Five Freedom* diz respeito a:

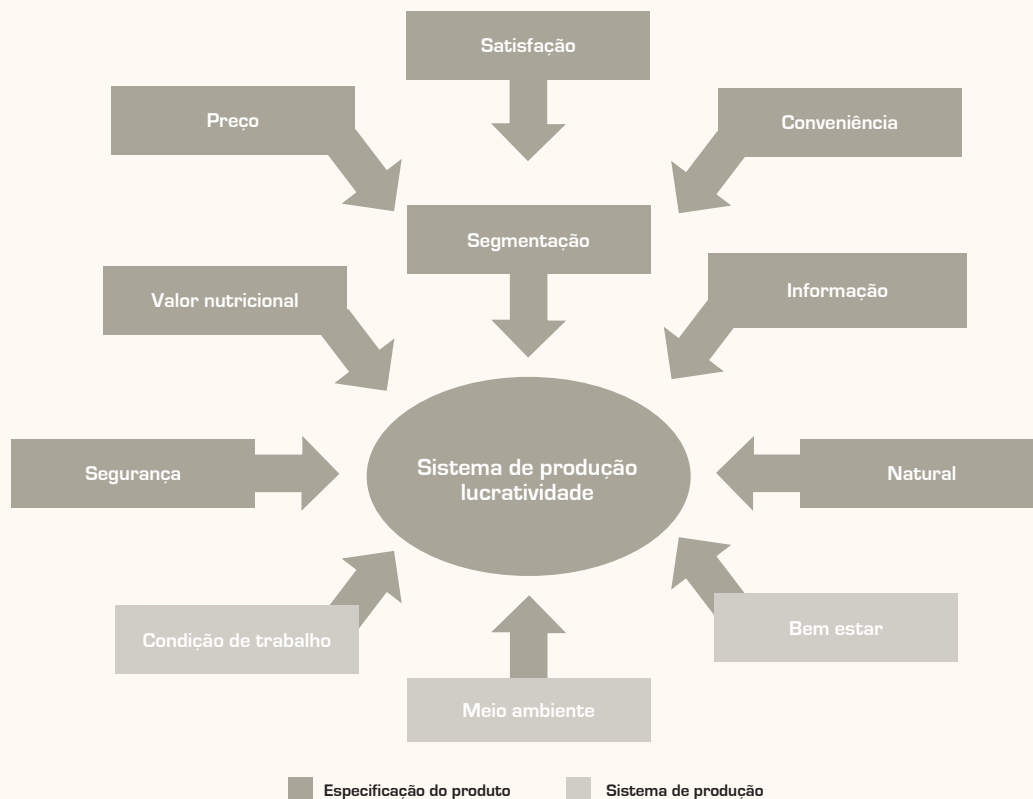
1. Fome e sede;
2. Desconforto;
3. Machucados, injúrias e doenças;
4. Comportamento normal;
5. Medo e *stress*.

No Brasil, há mais de 50 anos o Relatório de Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (Riispoa), estabeleceu critérios para as condições de transporte e abate de animais. Na UE, a legislação tem mais de 30 anos, com padrões mínimos e, agora, com possibilidades de mais exigências sobre:

1. As instalações rurais, o transporte e o abate de animais;
2. Práticas agrícolas com animais e produtos consumidos;
3. Alto padrão de bem-estar e proteção, sem a mesma exigência nos importados.

O papel das ONGs depende do objetivo: animais de companhia (cães e gatos); animais de laboratório, sistema de produção, transporte e abate. No âmbito mundial existem documentos importantes como as *Messages of the Universal Declaration*

Demanda de carnes industriais



Animal Welfare (UDAW), da World Society for the Protection of Animals. Na UE, entre as recentes iniciativas, um comunicado do Parlamento aponta para a montagem de um plano de ação em torno da questão do bem-estar animal

Mais informações: International Meat Conference. *Visão Geral do Giefa. The International Concept of Animal Welfare: an Update.* Marcio Capároz (Abiec).

A carne na nutrição humana

A carne é uma fonte de:

- Nutrientes essenciais: complexo Ferro, B12, zinco, proteínas de valor biológico.
- Gordura saturada
- Colesterol

A deficiência de Ferro é a carência nutricional mais prevalente e responde pela metade de todos os tipos de anemia. Pode existir sem sinais de anemia. Boa parte da humanidade está sob o risco de carência de ferro, principalmente as mulheres e crianças de países pobres ou em desenvolvimento.

Deficiência de ferro causa:

- Nas crianças: dificuldades para o aprendizado e reduz a resistência imunológica;
- Em adultos: causa fadiga e contribui para a incapacidade no trabalho, prematuridade, baixo peso ao nascer e morte fetal ou materna.

Custos sociais associados à deficiência de ferro:

- Na infância, compromete os ganhos futuros em 5%;
- Entre trabalhadores, reduz a produtividade em 1% a 5 %;
- Nos EUA, a perda média foi estimada em US\$ 4 bilhões ou 0,9% do PIB;
- No Sul asiático as perdas de produtividade chegam a US\$ 5 bilhões.

Na composição das dietas mistas, a carne cumpre papel de:

- Fatores agonistas e antagonistas de absorção;
- Fornecimento de proteína;
- Favorecimento de aspectos sensoriais.

O consumo de carne bovina é relevante para o combate a carências nutricionais específicas, principalmente Fe, Zn, vitaminas A e B 12.

A associação positiva entre consumo de carne bovina magra e dislipidemias não é comprovada por estudos de intervenção ou epidemiológicos, eliminados os fatores de confusão.

O uso de carne bovina magra é um recurso terapêutico e profilático interessante para o manejo e a prevenção das complicações da síndrome metabólica.

Mais informações: International Meat Conference.

Importância da (C)carne para a (N)nutrição (H)humana - Semiramis Martins Álvares Domene

O gado zebu

Do rebanho nacional, os genes zebuínos correspondem a 80%, com uma distribuição regional de: 34,8% no Centro-Oeste; 22,4% no Sudeste; a 15,9% no Sul, 13,6% no Norte e 13,3% no Nordeste.

Cronologia da entrada dos zebuínos

- Conceitos sobre as raças zebuínas;
- Primeiras importações: de 1870 a 1875
- Última importação: 1962
- Total de animais importados: 6.300
- Delegação do MAPA e primeiros registros genealógicos: 1938
- Início das provas zootécnicas: 1968

Os pontos positivos dos fatores produtivos do Brasil na cadeia produtiva da pecuária estão na:

- **Mão de obra:** estimulada, abundante e cada vez mais treinada;
- **Estrutura fundiária:** 2,4 milhões de proprietários rurais, com criações em 2,7 milhões de propriedades (IBGE – Censo Agropecuário 1995/96);
- **Rebanho:** o maior do mundo em termos comerciais, composto em sua grande maioria por raça zebuína adaptada e cada vez mais aperfeiçoada;
- **Sistema de produção:** predominância de pasto, baseado em raças zebuínas, com animal de imenso valor agregado em relação aos aspectos de menor contaminação por produtos. Por sua vez, as raças zebuínas apresentam eficiência superior de acabamento de carcaça em sistemas a pasto que as raças européias, considerando-se a mesma idade e peso (Barbosa,1999);

Brasil: número de registros genealógicos de zebuínos (1939 a 2007)

Raças	RGN*	RGD**	
Sindi Mocha	73	0,001%	121
Cangaian	74	0,001%	113
Sindi	11.035	0,14%	6.681
Gir Mocha	37.593	0,47%	27.649
Brahman	40.777	0,51%	31.312
Indubrasil	212.257	2,67%	127.783
Tabapuã	241.729	3,04%	140.114
Guzerá	302.242	3,80%	149.669
Gir	557.551	7,00%	326.512
Nelore Mocha	598.709	7,52%	540.370
Nelore	5.957.959	74,85%	2.901.827
Total	7.658.059	100%	4.252.151

* Registro genealógico de nascimento

** Registro genealógico definido

Fonte: SUT/SAG - ABCZ/2007

- **Imagem higiênico-sanitária do produto:** o reconhecimento de zonas livres de febre aftosa no âmbito internacional, associada aos aspectos de atividade pastoril e rastreabilidade, podem se constituir em um grande avanço para a pecuária.
- **Infraestrutura tecnológica:** em fase satisfatória de crescimento. Programas de melhoramento genético, pesquisas em vários setores e o envolvimento de universidade e instituições de pesquisas têm sido a tônica registrada nas últimas décadas.

Valores do zebu na cadeia produtiva da pecuária de corte

- ➔ Economia
- ➔ Nutricional
- ➔ Animal, genético e técnico
- ➔ Humano e ambiental
- ➔ Emocional
- ➔ Segurança de origem certificada
- ➔ Natural, higiene e saudável
- ➔ Sistemas de produção sustentáveis

Mais informações: International Meat Conference.

O Gado Zebu e a Importância do Crescimento da Produção de Carne – Luiz Antonio Josankian (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu).

O varejo e o consumidor

Com o aumento da renda *per capita* e o desenvolvimento dos países emergentes é esperado um aumento no consumo de proteínas. A carne suína é a mais produzida no mundo mas, proporcionalmente, a menos comercializada.

Brasil: crescimento da produção de carnes entre 1990 e 2006 (%)

Carne	Consumo interno	Exportação
Bovina	2,1	16,2
Suína	4,9	29,4
Aves	8,0	15,1

Fonte: USDA

As limitações às exportações de carne pelo Brasil decorrem:

- Das exportações serem concentradas: o mercado internacional não pode ser visto como a “salvação da lavoura”;
- Da falta de acesso aos mercados mais exigentes como Japão e EUA, o que reduz a possibilidade de expansão das exportações;

- De, apesar de ser altamente competitivo na produção, com exemplos de zelo qualitativo, a questão da segurança precisa de aprimoramento;
- Da padronização, uniformidade, qualidade em constante melhoria, rastreabilidade, produtos seguros e livres de contaminação e resíduos de drogas serem requisitos básicos nos mercados externos;
- De desenvolver uma revolução qualitativa para ter acesso a mercados mais exigentes, como o japonês;
- De o futuro estar no Japão, Rússia e em outros países asiáticos.

Pesquisa desenvolvida pela Elanco sobre o varejo e a compra de carnes traz informações importantes a respeito de:

- Canais de distribuição da indústria de alimentação;
- Faturamento e concentração no setor supermercadista;
- Participação das carnes nas vendas dos supermercados;
- Atributos que definem a qualidade da carne: cor, procedência, frescor, tipo de gordura, maciez, consistência, temperatura do caminhão que faz o transporte, data de validade, aparência, brilho, sabor, odor etc.

As grandes redes de varejo utilizam certificadoras próprias ou externas para avaliar a adequação dos fornecedores às normas legais e às melhores práticas de manufatura. O processo de certificação foca a legislação interna. Em casos pontuais, como selos de origem (produtos sociais, orgânicos, ecológicos e projetos sociais), mais itens são controlados.

As qualificações gerais de um fornecedor de carnes são:

- Possuir método produtivo moderno e eficaz;
- Certificação e segurança dos alimentos é essencial;
- Adequação às regras determinadas pelo varejista na produção e processamento;
- Produto de qualidade de acordo com os critérios avaliados pelo comprador;
- Ter preço competitivo;
- Entrega e logística desenvolvidas no prazo e com qualidade estipulados;
- Escala de acordo com as necessidades do cliente (frigoríficos);
- Respeito a contratos.

Outra pesquisa da Elanco sobre o consumidor e a compra de carnes mostra que:

- O consumidor percebe a qualidade de carne por fatores sensoriais;
- Considerada a mais saborosa, a carne suína é a menos consumida;
- Combinação de preço baixo e produto saudável aumentam o consumo de frango;
- A carne bovina é a grande preferida pelo consumidor.

As tendências de mercado em termos de hábito de consumo e novas tecnologias, sempre com maior exigência em relação ao produto, são uma oportunidade para agregação de valor e diferenciação:



- A adaptação a nichos de mercado pode trazer novas oportunidades para os pequenos e médios frigoríficos;
- A diferenciação, criação e fortalecimento de marcas são estratégias que contribuem fortemente para a conquista de novos mercados e nichos;
- No varejo e na indústria, a palavra final é dada pelo consumidor, são para ele todas as exigências e esforços feitos pelas empresas;
- A construção de uma marca no mercado é lenta mas, para danificá-la, não demora muito;
- Toda cadeia produtiva deve estar afinada em seus princípios e objetivos.

Mais informações: International Meat Conference. *Demandas do Consumidor e Como o Varejo Vê o Mercado*. Milton Dallari. Decisão Consultoria.

Infra-estrutura para exportação

A partir da década de noventa e até os dias atuais, o Brasil passou a ser:

- O maior exportador mundial de carne (1,95 milhão de toneladas em 2006 ou aproximadamente 30% do mercado mundial);
- Segundo maior produtor de carne bovina do mundo, com mais de 16% do total;
- Conseguiu vantagens competitivas quando comparado aos demais países produtores.

Cronologia

- **Década de 10:** serviço de inspeção de fábricas de produtos animais: Decreto nº 11.462, de 11 de janeiro de 1915. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio;
- **Década de 20:** primeiros passos do Serviço de Inspeção e Fiscalização (SIF); o estrangeiros exigem que os produtos de origem animal sejam inspecionados do ponto de vista sanitário;
- **Década de 30:** exportações de 97 mil toneladas de equivalente carcaça; PIB = R\$ 61,5 milhões; população = 37,85 milhões de pessoas. Média anual. Fonte: Ipea;
- **Década de 50:** regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (Riispoa). Lei nº 1.283, de 18 de dezembro de 1950;
- **Década de 60:** parque industrial de carne sob inspeção federal = 107 matadouros frigoríficos. Começa a suplementação mineral;
- **Década de 70:** federalização do SIF. Inspeção, padronização de técnicas, instalações e equipamentos. Suplementação na seca. Introdução das *brachiarias*;

Década de 80: como país tropical, o Brasil ainda não detém uma tecnologia avançada na produção animal. Matadouros frigoríficos instalados no Brasil = 199. Exportações: 195 mil toneladas de equivalente carcaça. PIB: R\$ 1,2 bilhão. População: 132 milhões de pessoas. Média anual.

Fonte: Ipea

Brasil: números da pecuária em 2006

Rebanho (cabeças)	204 milhões	19,0 % do mundo
Abate (cabeças por ano)	45 milhões	18,0% do mundo
Produção (t.e.c.)*	8,65 milhões	16,5% do mundo
Consumo		
Total (t.e.c.)*	6,94 milhões	13,1% do mundo
Per capita (quilo por ano)	35,10	
Exportação (t.e.c.)*	1,95	17,0% do mundo
Unidades de abate	1.500	
Aprovado geral	154	
Aprovado UE	62	

Fontes: IBGE, USDA, Secex.

* t.e.c. = tonelada equivalente carcaça

Observação: do abate nacional, os frigoríficos exportadores representam 68%. Os cinco maiores participam com 30%.

Brasil: participação na exportação (%)

Estado	2005	2006	Var. volume
SP	57	43	-21
GO	9	18	110
MT	7	18	130
MG	3	7	131
RS	5	7	61
RO	2	4	144
TO	1	2	287
RS	13	2	-84
PA	0	1	161
ES	0	1	92
PR	3	0	-85
SC	1	0	-61
RJ	0	0	-90
Total	100	100	5

Fonte: Abiec

Brasil: projeções para 2012

Item	2007	2012
1. Rebanho		
Tamanho: (milhões de cabeças)	204	204
Abate: (milhões de cabeças)	45	55
Taxa de desfrute	22%	27%
2. Exportadores		
Milhões de cabeças ano	30,6	44,0
Milhões de t.e.c. *	2,0	2,9
Investimento em infra-estrutura (R\$ bilhão)	9,6	13,8
3. Cinco maiores exportadores		
Milhões de cabeças ano	13,5	22,0
Milhões de t.e.c. *	4,2	6,9

Fonte: Abiec

* t.e.c. = tonelada equivalente carcaça

Programas de Incentivo à Produtividade para Pecuáristas

- Abertura de novos mercados e valorização da carne brasileira;
- Integração pecuária e indústria para pleno atendimento dos anseios do consumidor.

1. Visão Integrada

- Meio ambiente: Eco-Eco = Ecologicamente correto e Economicamente viável;
- Bem estar animal: pasto natural (alimentação, sombra e água);
- Responsabilidade social: geração de um emprego direto para caba bovino abatido e desossado (educação, saúde, cultura, esporte & lazer).

2. Boas Práticas Agropecuárias

- Capacitação de mão de obra;
- Tecnologia de produção de boi de capim;
- Padronização dos lotes e das carcaças;
- Rastreabilidade;
- Informação e premiação pela qualidade;
- Garantia da qualidade.

3. Certificações Internacionais

1.1. Gestão:

- Qualidade, ambiental, saúde e segurança ocupacional, responsabilidade social.

3.2. Operacional:

- Análise de perigos e pontos críticos de controle;
- Boas práticas de fabricação;
- Procedimento padrão de higiene operacional.

3.3. Conformidade

- Orgânico, boas práticas agrícolas, EurepGAP

4. Marketing

4.1. Tipificação de cortes e valor agregado;

4.2. Cadeia de frio;

4.3. transporte paletizado;

4.4. Armadores logísticos;

4.5. Carne com nome e sobrenome.

Mais informações: Intenational Meat Conference.

O Avanço em Infra-Estrutura da Indústria Exportadora de Carne no Brasil e os Programas de Incentivo à Produtividade para Pecuáristas – Miguel G. Russo (Abiec).

EUA

Tipificação de carcaças

O Serviço de Marketing Agrícola (AMS) é um órgão federal do Departamento de Agricultura dos EUA, com 5.500 funcionários, dedicado aos produtores agrícolas e comerciantes de alimentos e tem como missão:

- Facilitar o *marketing* nacional e internacional de produtos agrícolas dos EUA;
- Garantir a sanidade e o cuidado com animais e vegetais;
- Organizar programas regulatórios e de *marketing* (PRM) para estabelecimento de padrões nacionais e internacionais. A tipificação e classificação nos EUA servem para:
- Fornecer uma linguagem comercial comum para facilitar o comércio;
- Desenvolver e manter padrões de tipificação e especificações para programa de certificação.

A aplicação de tipificações é voluntária e se trata de um serviço pago, sendo que na categoria de:

- Qualidade: reflete mudanças na qualidade prevista na carne cozida;
- Rendimento: reflete diferenças na composição de carcaças.

EUA: Grau de marmorização

<i>Slight select</i>	Leve
<i>Small choice</i>	Pouco
<i>Modest choice</i>	Modesto
<i>Moderate choice</i>	Moderado
<i>Slight abundant prime</i>	Levemente abundante

Dos 35 milhões de bovinos abatidos 81% são novilhos e novilhas; 96% tipificados e 98% de maturidade A. Segundo dados históricos de classificação e certificação de carne, a distribuição da tipificações é 0,4% *standard*; 3% *prime*; 56,3% *choice* e 40,2% *select*.

Os frigoríficos usam as categorias do USDA para determinar a qualidade e o rendimento de carcaças com base nos padrões *prime*, *choice* e *select*. Cerca de 40% são vendidos com base na tipificação e rendimento.

Os sistemas de equipamentos de tipificação ajudam a:

- Melhorar a consistência das classificações com redução das variações;
- Elevar a confiança do produtor e do frigorífico no sistema de classificação;
- Melhorar a consistência do produto final;
- Aumentar a satisfação do consumidor.

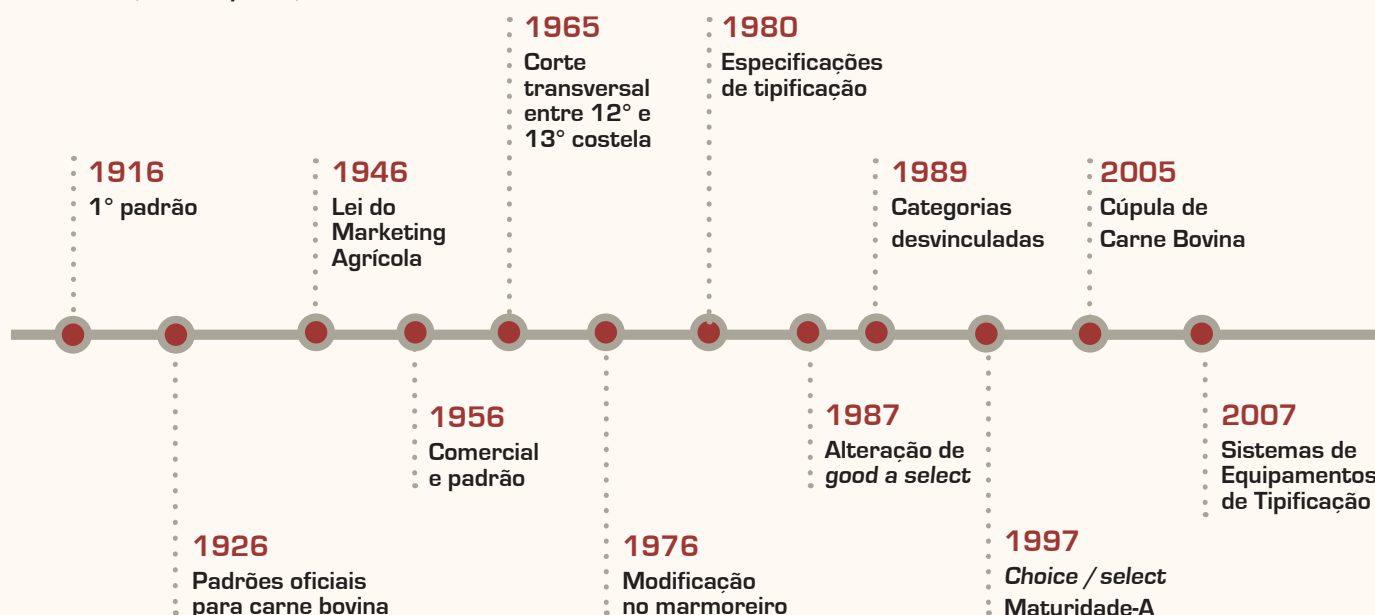
O programa de verificação de processo atua na:

- Verificação de origem e abate;
- Rastreabilidade;
- Processo de alimentação especial (pastagens);
- Afirmarções de raças (Angus);
- Práticas produtivas (naturais);
- Genética e manejo especial;
- Processos de fabricação especial etc.

Após os casos de BSE, o AMS e os governos estrangeiros se juntaram para estabelecer programas de verificação além de segurança alimentar. Há ainda os programas internacionais de verificação de processos dos EUA, que checam o Programa de Carne Bovina Argentina (inclusive a cozida) e o de Práticas de Produção do Uruguai.

Mais informações: International Meat Conference. *Sistema de Tipificação nos EUA: Passado, Presente e Futuro* -- James Butler (AMS/USDA).

EUA: evolução da tipificação



Biodiesel I

Metas em risco

N O BRASIL, a corrida de investimentos foi motivada pela Lei nº 11.097/05, que criou o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB), em 2004, com definição de obrigatoriedade da mistura de biodiesel ao diesel na proporção de:

- 2% a partir de 1º de janeiro de 2008;
- 5% em 2013, com demanda anual de 2 bilhões de litros de biodiesel.

O programa concede redução de tributos federais para fabricantes que utilizarem matérias-primas de pequenos produtores rurais. Um número crescente de empresas entrou no negócio: 41 usinas autorizadas a operar, com capacidade de produzir 1.854 bilhões de litros por ano. Há outros 40 projetos em análise, segundo a Agência Nacional do Petróleo,

Biocombustíveis e Gás Natural (ANP). Se aprovados, a capacidade de produção vai para 3,8 bilhões de litros.

Nos cinco leilões de biodiesel realizados até agora, a ANP vendeu cerca de 840 milhões de litros, volume suficiente para cumprir a determinação governamental de adição de 2% do biodiesel ao óleo diesel mineral comercializado anualmente no País. Todo o volume foi adquirido pela Petrobras (73%) e a Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), de sua propriedade.

Pelas normas que regem o programa de biodiesel do governo federal, somente podem participar dos leilões produtores autorizados pela ANP, detentores do selo Combustível Social, do Ministério de Desenvolvimento Agrário, habilitados no Sistema de Cadastramento Unificado de Fornecedores (Sicaf).

O quinto leilão de biodiesel realizado pela ANP conseguiu vender 45 milhões dos 50 milhões de litros oferecidos. Foram contabilizadas 19 plantas de transesterificação (processo utilizado na produção em que o óleo vegetal é transformado em biodiesel). Outras 34 estão com pedidos de análise.

As vendas deram uma arrecadação de mais de R\$ 83 milhões. O deságio médio foi de 2,22% sobre o preço estimado de R\$ 1.904,51 por metro cúbico de combustível. O biodiesel foi negociado pelas usinas Indústria Brasileira de Resinas (IBR) (BA), Granol (Goiás), Brasil Ecodiesel (unidades de Iraquara (BA) e Crateús (CE)).

Não obstante, quanto mais se aproxima o início da adição obrigatória de 2% de biodiesel no diesel vendido no País, maior é a preocupação quanto ao futuro do abastecimento do produto, pelas seguintes razões:

- Excesso de capacidade instalada;
- Redução de preços internos enquanto sobem os preços internacionais (quase o dobro de há um ano);
- Fracos resultados dos leilões oficiais para garantir a oferta;
- Baixo nível efetivo de recebimento do combustível.

Não se sabe se haverá leilões em 2008 ou se a comercialização será feita diretamente entre usinas e distribuidoras. Aguarda-se um novo leilão, para garantir uma “entrada segura” do programa nos três primeiros meses de 2008.

Até julho, dos 890 milhões de litros negociados em leilões da Petrobras, entre 2005 e 2006 para abastecimento do mercado até o início de 2008, só 217,1 milhões foram produzidos pelas usinas, apesar da larga capacidade.

Como muitas usinas demoraram a obter os licenciamentos ambientais para operar ou levaram mais tempo para concluir as obras, o calendário de entrega do produto às distribuidoras ficou comprometido.

A meta dos leilões

- Garantir aos agricultores da agricultura familiar um mercado para a venda de sua produção;
- Até dezembro de 2007, espera-se adquirir um bilhão de litros.

Resultados dos leilões da ANP

Item	1º leilão	2º leilão	3º leilão	4º leilão	5º leilão
Nº de ofertantes	8	12	6	25	8
Volume ofertado (m³)	92.500	315.520	125.400	1.141.335	50.000
Volume arrematado (m³)	70.000	170.000	50.000	550.000	45.000
Preço máximo (R\$/m³)	1.920	1.908	1.905	1.905	1.905
Prazo de entrega	Jan/06 a dez/06	Jul/06 a jun/07	Jan/07 a dez/07		

Fonte: ANP

A expansão mundial do biodiesel

Usado puro ou misturado ao óleo diesel, em proporções de 5% a 20%, o biodiesel é uma realidade como combustível alternativo em diversos países. O maior país consumidor é a Alemanha, com, 2 bilhões de litros.

Biodiesel: Países usuários

- Alemanha
- Austrália
- Bélgica
- Canadá
- Espanha
- Estados Unidos
- Estônia e França
- Índia
- Malásia
- Reino Unido
- República Tcheca
- Tailândia
- Taiwan

As primeiras experiências dos alemães começaram há 20 anos. Hoje, os postos do país vendem até biodiesel puro, o chamado B-100. A maior usina do mundo, da americana ADM, fica em Hamburgo, com capacidade para 600 milhões de litros por ano. Nos Estados Unidos, o avanço é rápido. Em 2005, havia 35 usinas. Agora, são 105. Vários estados americanos estimulam a adoção de fontes de energia limpa, com cortes de imposto sobre o combustível alternativo. O interesse de países desenvolvidos no biodiesel resulta da:

- Necessidade de reduzir a dependência por petróleo, combustível finito e com as maiores reservas em regiões politicamente complicadas, como o Oriente Médio;
- Oscilação e aumento no preço do petróleo;
- Emissão de gases causadores do efeito estufa pelos derivados de petróleo;
- Pressão ambiental para substituir os combustíveis fósseis por renováveis e menos poluentes.

Biodiesel II

Ajuste do programa

O PROGRAMA Nacional de Biodiesel enfrenta problemas de baixa produção interna devido:

1. Ausência de matéria-prima;
2. Logística insuficiente;
3. Alto preço da soja no mercado internacional.

Embora a produção de biodiesel tenha tido um aumento de 80% no primeiro semestre deste ano, em relação ao mesmo período de 2006, o volume é 30% inferior ao que deveria ser entregue até junho de 2007, de acordo com os contratos firmados no segundo leilão.

Até dezembro de 2007 se esgota o prazo de entrega dos 645 milhões de litros negociados nos terceiro, quarto e quinto leilões. Para os contratos serem cumpridos em sua totalidade, a produção teria de atingir 723 milhões de litros entre julho e dezembro de 2007, o sêxtuplo da quantidade obtida entre janeiro a junho.

Existem grandes empresas produtoras, com produção bem abaixo de todo o volume negociado entre o primeiro e o quinto leilões. De outro lado, outras não apresentaram produção até maio de 2007.

Diesel encarece

O biodiesel pode ser produzido a partir de gorduras vegetais extraídas de grãos como soja, milho, canola ou mamona. Também se faz biodiesel a partir de gorduras animais como sebo bovino ou gordura de frango.

Mas, o óleo de soja representa 90% da produção nacional e, como seus preços do grão estão em forte alta no mercado internacional, pressionam os custos de

produção. A matéria-prima corresponde a 85% do custo do biodiesel.

Neste mês, o CNPE (Conselho Nacional de Política Energética) determinou a realização de quatro leilões para aquisição de biodiesel, relativa a 3% do consumo nacional de diesel. O argumento é de que há capacidade de produção mais de duas vezes superior à demanda potencial.

O custo de produção do biodiesel feito com soja é hoje de R\$ 2,20 o litro, enquanto o diesel é adquirido nos postos a cerca de R\$ 1,80 o litro. A soja, assim, seria desinteressante para o programa, comparada a outras matérias-primas. Porém, as fontes de mercado projetam que de 80% a 90% do biodiesel já produzido no Brasil são feitos com óleo do grão da soja.

Produtores optam, na venda da colheita, por outros fins, principalmente no caso da soja, com cotação em alta no mercado externo. Participação da agricultura familiar abaixo do esperado e falta de infra-estrutura prejudicam o programa do governo.

Com a participação majoritária da soja, o biodiesel foi duramente atingido pela disparada dos preços internacionais da *commodity*. O aumento da demanda na Ásia, principalmente na China, e mais a queda de área nos Estados Unidos, jogaram contra. É mais atraente ao produtor vender o grão para fazer óleo de soja.

Quanto a outras etapas do programa, haverá necessidade de adequação. Muitos insistem na conveniência de cada região produzir biodiesel conforme o produto disponível na própria área.

Balanço de 2007 (milhões de litros)

Consumo interno no ano	620
Produção no primeiro semestre	122
Produção de janeiro a agosto	261

Fonte: ANP

Outro ponto dramático é o impacto negativo da seca na produção de mamona, a lavoura estimulada pelo governo na agricultura familiar do Nordeste. Os números da participação da agricultura familiar na produção de biodiesel vão de 24% (Ministério do Desenvolvimento Agrário) a 36% (Ministério das Minas e Energia).

Brasil: disponibilidade de óleo vegetal (2006)

Tipo	Toneladas	%
Algodão	105.000	2,5
Arroz	15.000	0,4
Côco	1.700	0,0
Colza (canola)	12.239	0,3
Mamona	32.000	0,8
Milho	45.500	1,1
Palma	95.000	2,3
Palmiste	80.000	1,9
Soja	3.770.000	90,7
Total	4.156.439	100,0

Fonte: UFRGS

Quanto à infra-estrutura do programa, a questão é com o menor “prazo de validade” do biodiesel em relação aos outros combustíveis. Para os especialistas, a produção pode ficar estocada por um período de até seis meses. As distribuidoras de combustível, para fazer a mistura no diesel, terão de disponibilizar tanques durante o ano todo, independentemente da sazonalidade da safra.

Uma questão sensível é a devolução pelas distribuidoras de produtos sem a qualidade estabelecida pela ANP. A indefinição quanto às especificações dos combustíveis, conforme previsto na legislação em vigor, atrasa a redução do enxofre no diesel. É risco para o fornecimento, ao meio ambiente e à saúde pública. ■



PROGRAMA CONJUNTURA BRASIL

(Programa Independente)

APRESENTAÇÃO:

Maria Rita Falleiros

Através de entrevistas, debates técnicos, reportagens especiais e o resumo de eventos de negócios, os próximos programas destacarão o aumento de empresas que optaram por abrir o capital como estratégia de crescimento e a importância da escolha correta de uma agência “one stop shop”, responsável por publicações legais, underwriting, relatórios anuais, relação com investidores, enfim, a comunicação deste processo como um todo. Divulgar iniciativas que estimulem o desenvolvimento do país, são metas do programa “Conjuntura Brasil”.

Semanalmente você participa do programa através do
e-mail: conjunturabrasil@conjunturabrasil.com.br ou pelo fone: (16) 3623-9720

Oferecimento:

RODOBENS
CONSÓRCIO

VAN STRATEN

LUZ
PUBLICIDADE
Desde 1971

credicoonai
Sua Estabilidade é Nosso Ideal!

Apoio:

AGROANALYSIS

FIESP

CIESP

Ripa

Ações na Região Nordeste

PORTAL RIPA Quais ações do *workshop* realizado pela Ripa em 2005 na Região Nordeste?

IVON FITTIPALDI A mais significativa foi a realização de um pequeno *workshop* temático sobre carcinicultura. Estavam presentes cerca de 35 participantes. Isso promoveu a articulação do setor, com o 1º Seminário de Produção Integrada de Camarão Cultivado (PICC), realizado em junho último, no Instituto de Tecnologia de Pernambuco (Itep), para cerca de 40 pessoas.

PORTAL Como garantir recursos para atender às demandas tecnológicas?

IVON O Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) tem usado os Fundos Setoriais de Ciência e Tecnologia, que constituem o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT). A gestão cabe à Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e em parte ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Após identificarem as áreas emergentes, os comitês gestores formulam novas políticas públicas por meio de editais. As leis de constituição dos fundos setoriais impõem que 30% dos recursos sejam destinados às Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O volume de recursos destinado à Região Nordeste nos últimos dois anos foi de R\$ 60 milhões em programas de fomento para o desenvolvimento de projetos de pesquisa aplicados pela Finep e pelo CNPq.

PORTAL Quais os resultados dos programas de agregação de valor à produção?

IVON Os indicadores e as avaliações de relatórios de desempenho dos projetos ainda são um desafio para o sistema de

desenvolvimento e inovação. De maneira geral os mecanismos de concessão de recursos são bem fundamentados. O sistema brasileiro é experiente em editais e julgamentos de projetos. O financiamento é vinculado à questão orçamentária, segundo as normas de tribunais de conta.

PORTAL Como escoar as produções das regiões remotas do semi-árido nordestino?

IVON Um dos pontos identificados no relatório do *workshop* regional foi a logística. Há dificuldades na exploração do gesso no Pólo Gessoso de Araripe (PE). A melhoria no transporte vai depender de investimento em rodovias, ferrovias e na ativação da navegação fluvial.

PORTAL Quais as prioridades de pesquisa, desenvolvimento para a carcinicultura?

IVON Essas atividades podem ser desenvolvidas com o domínio das espécies biológicas e pragas em escala mundial, como ocorreram em Santa Catarina e no Espírito Santo. O 1º Seminário de Produção Integrada de Camarão Cultivado visou à certificação do produto, com mais tecnologia para a melhoria da qualidade para o consumidor.

PORTAL Como conciliar a carcinicultura, preservação ambiental de mangue e a sustentabilidade das comunidades tradicionais de pesca?

IVON Por meio da dessalinização da água, o camarão pode ser criado em regiões onde não se imaginava antes. Como o lençol freático do semi-árido é uma água salobra, não tem uso direto pela população. A implantação de osmose reversa permite transformar a água salina em po-

tável, mas envolve tecnologia sofisticada e energia elétrica para o bombeamento. Há vários projetos na Paraíba para aproveitar essa água na criação de camarão.

PORTAL Como os produtores rurais podem conviver com o clima do semi-árido?

IVON Para superar essa demanda foi criado o Instituto Nacional do Semi-Árido Celso Furtado, em Campina Grande, na Paraíba, com metas na biodiversidade, no sistema de produção e recursos hídricos.

PORTAL E os programas de qualificação de recursos humanos em função das especificidades regionais?

IVON Vários centros tecnológicos são desenvolvidos com a contratação de doutores. Formar recursos humanos é prioritário. Os programas multicampi são parcerias entre as universidades consideradas um destaque relevante na área. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), por exemplo, absorve técnicos e especialistas vindos das universidades com formação altamente qualificada.

PORTAL Como ampliar a fruticultura irrigada de Petrolina e Juazeiro para outras áreas?

IVON O agronegócio deu certo na área do Vale do São Francisco. A tecnologia identificou as potencialidades para desenvolver culturas sem tradição, como manga, uva, vinho e aspargo. Hoje é uma realidade produzir vinhos de qualidade. É uma região limitada. Com a transposição do Rio São Francisco será possível atender a falta d'água das populações carentes e o desenvolvimento de novas culturas. Foi criado um Centro de Tecnologia Estratégica do Nordeste (Cetene), para o desenvolvimento de desenvolvida, com biofábrica para o processo de duplicação das espécies em alta escala. A meta é atingir a produção de quatro mil mudas para passar ao grande produtor. ■

Entrevistado: Ivon Palmeira Fittipaldi, presidente do Comitê Local do Workshop Regional Nordeste da Ripa em 2005.

Entrevistadora: Roberta Salgado Gonçalves da Silva, assessora de comunicação da Ripa

Qualiagro

Certificação e barreiras

A PESAR DE muito se falar sobre normas, regulamentos, certificação e selos, algumas outras recomendações básicas são importantes, principalmente no caso do agronegócio brasileiro, com uma parcela importante orientada para o comércio exterior, no sentido de:

- Risco em colocar a carroça na frente dos bois;
- Criar uma certificação não pode ser um processo unilateral;
- Para uma certificação ter valor, necessita de amplo reconhecimento;
- A definição de princípios e de critérios precisa de transparência;
- Para se chegar a uma certificação é necessário seguir uma metodologia.

As características básicas do processo de certificação estão no equilíbrio entre fatores ambientais, sociais e econômicos, do chamado *Triple Bottom Line*, em que os trabalhos devem envolver todos os atores interessados (*multistakeholder process*): Consumidores, produtores, indústrias, trabalhadores, ONGs ambientais e sociais, transportadores, armazenadores, setor de serviços (bancos), academia e institutos de pesquisa e setor público.

É um processo gradativo, de acordo com uma metodologia aceita por todas as partes, segundo passos estratégicos para:

1. Constituir fórum;
2. Acordar princípios;
3. Definir critérios;
4. Identificar indicadores e
5. Desenvolver sistemas de monitoramento.

Um processo de certificação pode ser formado por regulamentos obrigatórios a partir do governo, e de normas volun-

tárias oriundas do mercado, com três benefícios:

1. Econômico: reduz custo de produtos, serviços e processos e sistematiza e racionaliza as atividades produtivas.
2. Segurança e meio ambiente: requisitos destinados à proteção da vida humana, da saúde e do meio ambiente.
3. Proteção ao consumidor: produtos, serviços e processos com desempenho mínimo, legítimo, necessário e verificado de forma independente e estabelecido pela sociedade.

Embora existam diferentes modelos de padrões e certificações no mundo para serem listadas, pode-se selecionar algumas delas para efeito de menção, como:

- Euro Retailer Produce Working Group (EurepGAP) é uma receita externa, que trata do sistema de gestão da qualidade, com a finalidade de melhorar os padrões dos produtos da indústria alimentícia. Originou-se como uma iniciativa dos comerciantes varejistas e de supermercados europeus em 1997, na Alemanha;
- Programa Integrado de Frutas, Pró-Orgânico, Serviço Brasileiro de Rastreabilidade da Cadeia Produtiva de Bovinos e Bubalinos – Sisbov, iniciativas internas concentradas no governo, apoiados em regulamentos;
- Roundtable on Responsible Soy (RTRS) com o objetivo de definir critérios globais para a produção, processamento e comércio. A discussão começou em 2005, com sua formalização em novembro de 2006. Conta com 50 membros: produtores, processadores, comerciantes e

sociedade civil (toda a cadeia). A primeira assembléia geral foi realizada em São Paulo, entre 8 e 9 de Maio de 2007;

- Roundtable on Sustainable Palm Oil (RSPO), criada em Agosto de 2003, em Kuala Lumpur, na Malásia, com o objetivo de trazer as partes envolvidas com a cadeia produtiva do óleo para discutir e cooperar em torno de objetivos comuns;
- Forest Stewardship Council (FSC): criado em 1993, na cidade de Toronto, Canadá, com a finalidade de credenciar certificadoras e definir critérios. Trabalha fora do sistema ISSO;
- Common Code for the Coffee Community Association (4C Association): sociedade independente, aberta e sem fins lucrativos. Sua missão é a produção e o processamento eficientes, combinados com o respeito às condições sociais e ambientais, de modo a melhorar a situação dos produtores e trabalhadores.

Para o Brasil, nesse contexto, é importante a consolidação e um entendimento em torno de um marco regulatório da qualidade. O movimento em relação à certificação leva a uma padronização das práticas agrícolas e industriais de nível mundial. É evidente que sempre existirão particularidades próprias ligadas a uma determinada região e a uma cadeia produtiva. Conhecer o papel do Instituto Nacional de Metrologia (Inmetro) e da Associação Brasileira de Norma Técnica (ABNT) para uma articulação conjunta com os *stakeholders* passa a ser fundamental.

Na balança, precisam ser pesados dois lados antagônicos dos padrões e das certificações: o de dar origem a barreiras não-tarifárias, mas de se tornar aliados dos produtores e exportadores. É uma questão de análise e de posicionamento. Um caminho a se percorrido com cuidado: a aceitação para cumprir determinadas exigências pode ser o teto da capacidade do exportador, mas o piso para o importador. No agronegócio, seja de alimento, fibra e energia da biomassa, a força exportadora é a de liderança no *ranking* global. ■



Certificação do agronegócio

A Associação Brasileira de Agribusiness realizou no dia 17 do corrente mês o seu 9º Fórum, para tratar da certificação do agronegócio. De extrema importância para o setor, o assunto passa a merecer especial atenção.

As principais informações apresentadas e analisadas durante o evento, foram registradas pela **Agroanalysis**. São matérias atuais, muito pouco veiculadas para o público do agronegócio, desenvolvidas por profissionais de larga experiência. Normas e regulamentos técnicos de produtos, serviços e processos, junto com metrologia e avaliação de conformidade, são questões-chave para o sistema de alimentos, fibras e energia renovável.



9º Fórum Abag

Carlo Lovatelli*

O TEMA do 9º Fórum Abag, sobre certificação no agronegócio, é muito oportuno e conta com a parceria fundamental de duas instituições para tratar da questão da certificação no Brasil: a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e o Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro).

Também temos a participação do Ministério de Ciência e Tecnologia, por

meio do Comitê Gestor do Fundo Setorial do Agronegócio (CTAgo), que aprovou recursos na Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), para a elaboração do Projeto Qualiagro – Sistema de Qualidade nas Cadeias Agroindustriais, coordenado pela Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz e proposta pela Abag.

De 2000 a 2006, saímos de uma exportação de US\$ 20,6 bilhões, para chegarmos a US\$ 49,4 bilhões. De janeiro a setembro deste ano, em relação ao mesmo período do ano passado, crescemos 18 % e arrecadamos US\$ 42,8 bilhões. Certamente, teremos neste exercício outro valor recorde na balança comercial do agronegócio.

Como país membro da Organização Mundial de Comércio, essa crescente inserção do agronegócio brasileiro no comércio mundial exige o cumprimento de regras e a participação de acordos, como barreira técnica, sanidade e propriedade intelectual.

Isso afeta a maneira de desenvolver o negócio e coloca pontos prioritários na nossa agenda de trabalho. Temos de nos preparar no campo das normas, das regulamentações e na avaliação da conformidade. Estreitar laços com a ABNT e o Inmetro passa a ser vital.

Por sua vez, a aplicação da sustentabilidade em cima da *Triple Bottom Line* para o equilíbrio dos vértices entre a

apuramento em escala subatômica. A metrologia segue os procedimentos laboratoriais, de acordo com a NBR ISO 9000, 10012, NBR ISSO/TEC 17925, Guias ABNT ISSO/TEC 57, 43-1 e 43-2, para as realizações das comparações-chave. A normalização e a regulamentação são avaliadas por ensaios conforme a qualidade e a conformidade de produtos, serviços e sistemas (NBR ISO/9000 e NBR ISO/14000). A declaração, qualificação e certificação se juntam a concei-

tos de sustentabilidade, ligados às variáveis ambientais e sociais.

No mundo, enquanto a tarifa média aplicada a bens sofre queda, a aplicação de normas como a ISO (International Organization for Standardization) passa a ser cada vez mais constante. Quando não se cumpre o regulamento técnico, o produto não pode ser colocado e há um obstáculo de acesso ao mercado. Se uma norma não é cumprida, há um obstáculo de aceitação pelo mercado.

Com a globalização ocorrem alguns aspectos particulares de:

- Necessidades de normas comuns;
- Avaliação de conformidades: reconhecimento mútuo, confiança técnica e regras universais;
- Metrologia: sofisticação e rastreabilidade;
- Direito dos consumidores: cultura;
- Novas abordagens nos anos 80 na União Européia; globalização em escala piloto;
- Papel do Estado;
- Acordo de barreira técnica (TBT);
- Acordo sanitário (SPS).

As aplicações do TBT envolvem a avaliação da conformidade de uma regulamentação técnica (medida compulsória) e de uma norma (medida voluntária). Não fazem parte do acordo as:

- Normas e regulamentos técnicos aplicados a serviços;
- Especificações de compras preparadas pelos governos.

Como exemplo prático, no caso da laranja, teria como TBT o tamanho, a cor e a embalagem. Já o uso de pesticidas ficaria enquadrado no SPS.

Os desafios estariam relacionados à maior restrição (exemplo: redução dos limites máximos de resíduos – LMR), complexidade (por exemplo: acréscimo de requisitos de auditoria e rastreabilidade) e dimensão (exemplo: inclusão de requisitos de sustentabilidade).

Os pilares da sustentabilidade do agro-negócio estão na:

- Segurança dos alimentos: limite máximo de resíduo, limites de metais pesados, aditivos alimentares, rastreabilidade e APCC;
- Sanidade vegetal: avaliação vegetal, avaliação de riscos de pestes, quarentena;
- Qualidade do produto: composição do produto, limpeza do produto, rotulagem, composição nutricional;
- Qualidade ambiental: controle de água e solo, proteção da biodiversidade, proteção de espécies em extinção;
- Qualidade social: segurança do trabalho, segurança higiênico-sanitária, qualificação de pessoal, comprometimento com a comunidade.

Com sete organismos de certificação, 304 produtores ou empacotadores certificados, o Programa de Produção Integrada de Frutas (PIF) possui como marco normativo e regulatório:

- Referências: documentos normativos do MAPA e do Inmetro;

- Caráter: certificação voluntária no âmbito do Sbac;
- Certificador: organismos acreditados pelo Inmetro;
- Laboratórios: acreditados pelo MAPA. O PIF envolve as qualidades:
- Do trabalho: qualificação, segurança, higiene e sanidade;
- Ambiental: água, solo e gestão;
- Da cultura: pesticidas, herbicidas, nutrientes, plantio, cultivo e colheita;
- Da pós-colheita: controle de resíduos e contaminantes, beneficiamento, armazenamento e transporte.

Com as tendências da evolução da TIB nas cadeias agroindustriais de:

- Crescente agregação de tecnologia aos processos e produtos agrícolas, caracterizando cada vez menos como *commodities*;
- Aumento da produção e da produtividade, com adoção de modelos mais rápidos e automatizados, bem como de sistemas de gestão;
- Demanda crescente da sociedade por melhoria da qualidade, envolvendo questões de interesse social que integram a cadeia agroindustrial;
- Maior reconhecimento de que a qualidade dos produtos agroindustriais depende, de forma crescente, de sistemas de produção integrada;
- Crescimento de restrições a produtos agroindustriais no campo das barreiras não tarifárias;
- Intensificação da abertura de mercados, expondo produtos nacionais à concorrência com importados com qualidade assegurada;

As consequências são de:

- Intensificação do processo normativo;
- Aumento da quantidade de laboratórios de ensaio e análises;
- Crescimento dos processos de certificação e formas correlatas

O Relatório Brundtland, da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ONU), de 1987 trata o desenvolvimento sustentável como aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades”.

Iniciativas Públicas de Produção Agrícola Integrada

- União Européia - Good Farming Practice – GFP (Common Agricultural Policy) (www.ec.europa.eu/agriculture/)
- Estados Unidos - Integrated Agricultural Systems National Program (www.ars.usda.gov/research/programs/)
- Nova Zelândia - On-Farm Quality Assurance and Environmental Management Systems – QA/EMS (www.maf.govt.nz/mafnet)
- Canadá - Organic Agricultural Products Certification Regulation (Agri-Food Choice and Quality Act) (www.qp.gov.bc.ca)
- Coreia do Sul - Quality Certification and GI System Program (National Agricultural Products Quality Management Service – NAQS) (www.naqs.go.kr)

Para a agricultura, na certificação do produto e da produção, há uma visão integrada da responsabilidade social (ABNT NBR ISO 16001) com a gestão ambiental e avaliação do ciclo de vida (ABNT NBR ISO 14000).

Com a avaliação do desempenho ambiental, o foco na função do produto foi revolucionada ao integrar os processos e atividades necessários para o produto/serviço cumprir sua função, além da prestação de serviços, com a inclusão da cadeia de fornecedores e a destinação final.

Avaliação do ciclo de vida (ACV) é uma técnica para avaliar aspectos e impactos ambientais associados a um produto/serviço/atividade ao longo do seu ciclo de vida.

O ciclo de vida é entendido como o conjunto de etapas para que um produto/serviço/atividade cumpra sua função, desde a obtenção dos recursos naturais usados na sua fabricação até a sua disposição após ter cumprido a sua função.

As referências sobre aspectos sociais aplicáveis à ACV são Global Compact; SA 8000 (Social Accountability); Diretrizes OCDE; Global Reporting Initiative (GRI) e o Balanço Social Ibase.

* Coordenador Geral de Serviços Tecnológicos do Ministério de Ciência e Tecnologia

Normalização e o agronegócio

Eugênio Guilherme Tolstoy de Simone*

Contexto internacional:

- Desaparecimento de barreiras políticas importantes; liberação de muitas economias nacionais; abertura para o exterior;
- Contínuo crescimento do comércio desde a Segunda Guerra Mundial, acelerando-se a partir das duas últimas décadas;

Hierarquia das normas



Normas técnicas por produtos

	Argentina	Chile	Colômbia	Cuba	Espanha	França	México	Rússia	Uruguai	Brasil
Açúcar	3	11	42	39	25	18	2	50	14	54*
Álcool	5	30	147	22	26	41	13	47	34	31
Algodão	1	13	30	6	32	76	2	50	0	0
Arroz	0	3	2	0	0	9	2	9	1	0
Banana	0	0	2	0	1	2	2	0	0	0
Batata	0	0	1	2	2	6	0	5	0	0
Café	1	2	31	5	4	32	3	13	0	2**
Carne	0	39	15	9	13	71	0	50	43	1
Cebola	0	0	0	0	0	2	0	4	0	0
Citrus	3	0	0	2	3	10	6	1	0	0
Leite	53	45	49	52	106	112	0	50	7	0
Mamão	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Manga	0	1	8	2	0	0	1	0	0	0
Melão	0	1	5	1	1	0	0	3	0	0
Milho	1	3	9	1	3	0	1	11	2	0
Soja	2	1	4	1	8	17	0	7	3	0
Tomate	12	0	8	4	4	1	0	7	5	0
Trigo	13	5	18	4	10	26	2	34	7	0
Uva	2	2	9	0	5	5	1	4	2	0
Total	96	156	381	150	243	428	35	345	118	32

* algumas desatualizadas tecnicamente e com mais de 10 anos havendo necessidade de revisão

** com mais de 20 anos sem nenhuma expressão para o setor

- Relações de comércio tornando-se preocupação internacional, o GATT e depois a OMC;
- Necessidade de livre intercâmbio de produtos e serviços em escala global;
- Competição mundial aumentando progressivamente;
- Redução do tempo e dos custos para o mercado, exercendo grande pressão sobre as empresas;
- Ciclos de produção, em todos os segmentos, consideravelmente mais curtos do que há 20 anos (em tecnologias da informação e comunicação, os ciclos de produto estão abaixo de um ano);
- Crescimento do comércio mundial aumentou a necessidade de normas internacionais;
- As normas internacionais impactam diretamente nos mercados globais;
- Para alguns setores, a normalização internacional tem maior importância do que a regional e nacional;
- As normas internacionais são desenvolvidas por organismos internacionalmente reconhecidos: ISO, IEC e ITU;
- A OMC recomenda que os seus membros participem ativamente do processo da normatização internacional;
- A grande adesão de países à ISO indica que existe maior conscientização da importância da participação do trabalho de normalização internacional.

A norma é um documento estabelecido por consenso e aprovado por um organismo reconhecido, que fornece, para um uso comum e repetitivo, regras, diretrizes ou características para atividades ou seus resultados, visando à obtenção de um grau ótimo de ordenação em um dado contexto.

Convém lembrar que as normas sejam baseadas em resultados consolidados da ciência, tecnologia e da experiência acumulada, visando à obtenção de benefícios para a comunidade. (ABNT ISO/IEC Guia 2).

Os objetivos da normalização são: comunicação, simplificação, proteção ao

consumidor, segurança, economia e eliminação de barreiras comerciais.

Para uma norma ser eficiente deve:

- Atender a uma necessidade real;
- Apresentar uma solução aceitável;
- Gerar benefícios, e não entraves;
- Ser continuamente atualizada.

A ABNT

- **Fundada em 1940;**
- **Privada, sem fins lucrativos e de utilidade pública;**
- **Reconhecida pelo governo brasileiro como único Fórum Nacional de Normalização;**
- **Membro fundador da ISO, Copant e AMN e membro da IEC desde a criação da ABNT;**
- **Responsável pela gestão do processo de elaboração de normas brasileiras;**
- **Signatária do código de boas práticas em normalização da OMC;**
- **Certificadora de produtos e sistemas.**

O desenvolvimento de uma norma brasileira começa quando a sociedade manifesta a necessidade e uma comissão de estudos elabora um projeto de norma, que é submetido à consulta nacional, para então ser aprovada e colocado à disposição da sociedade, depois de toda discussão. A ABNT, com 58 comitês técnicos, faz a gestão desse processo. A ISO é uma organização não governamental, estabelecida em 1947.

É uma federação de estrutura descentralizada. É a maior das três organizações de certificações internacionais: ISO, IEC e ITU. Desenvolve normas voluntárias baseadas em consenso e mantém parcerias com outros desenvolvedores de normas, como o CEN.

Existem normas para a qualidade (ISO 9000), para o ambiente (ISO 14000), a ISO 16000 para responsabilidade social e a ISO 22000 (APPCC).

* Diretor de Normatização

Inmetro Sua contribuição para a competitividade das empresas brasileiras

Alfredo Carlos Lobo*

O SISTEMA oficial brasileiro de avaliação da conformidade segue as diretrizes do Conselho Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Conmetro) para o trato das questões ligadas à metrologia, à normalização, à avaliação da conformidade e à acreditação.

O Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro) é uma autarquia federal, vinculada ao Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio, para propiciar confiança nas medições e na conformidade de produtos em relação a normas e regulamentos.

Temos várias atividades:

Primeira: em metrologia científica desenvolvemos os padrões nacionais de medição de menor incerteza e maior precisão. Desenvolvemos materiais de referência, como no caso do padrão de etanol, por exemplo, para sustentar as atividades industriais e as atividades de avaliação da conformidade.

Segunda: no campo da metrologia legal, regulamentamos e fazemos as verificações periódicas dos instrumentos de medir, que regulam as relações de consumo, tais como a bomba de gasolina, o taxímetro, a balança, e assim por diante.

Terceira: na avaliação da conformidade, coordenamos a implantação dos programas de avaliação, com ênfase na certificação.

Quarta: é o organismo oficial de acreditação do Estado brasileiro. A certificação é uma avaliação de terceira parte da con-

formidade do produto, serviço e processo. Os laboratórios e diferentes organismos que fazem as certificações são acreditados pelo Inmetro.

Quinta: ponto focal do acordo de barreiras técnicas da Organização Mundial do Comércio. Os regulamentos feitos no Brasil para um produto globalizado, elaborado sem base numa norma internacional, precisam ser notificados à Organização Mundial do Comércio.

Quando começamos, há mais de 30 anos, o foco da atuação do Inmetro já era a proteção do cidadão, no que diz respeito à saúde, segurança, hoje estendido também às questões de meio ambiente. No final da década de 80, começamos a atuar na competitividade da empresa brasileira, quando o Brasil abriu a sua economia.

As demandas por confiança na medição e conformidade de produtos, serviços e processos foram muito voltadas para contribuir com a melhora da competitividade da empresa brasileira. Mais recentemente, as demandas focam também a questão de acesso ao mercado. A importância dos programas de certificação de produtos, particularmente dos produtos globalizados, está em propiciar acesso ao mercado.

O Inmetro tem as suas instalações laboratoriais em Xerém, distrito do município de Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro, com investimentos da ordem de US\$ 400 milhões. Os padrões nacionais precisam de desenvolvimento tecnológico para atender à demanda da tecnologia, às questões de inovação etc. Temos historicamente um apoio grande do Ministério de Ciência e Tecnologia na captação de recursos.

A avaliação da conformidade pressupõe, no âmbito do sistema oficial brasileiro, um tratamento sistêmico. Existem diferentes conceitos sobre avaliação da conformidade. A certificação é um dos mecanismos de avaliação da conformidade.

A importância da Avaliação da conformidade esta em:

- Propiciar a concorrência justa;
- Estimular a melhoria contínua da qualidade;
- Informar e proteger o consumidor;

Conceitos básicos da avaliação da conformidade

- **Inmetro - A avaliação da conformidade é um processo sistematizado, com regras pré-estabelecidas, devidamente acompanhado e avaliado, de forma a propiciar adequado grau de confiança de que um produto, processo ou serviço, ou ainda um profissional, atendem a requisitos pré-estabelecidos por normas ou regulamentos, com o menor custo possível para a sociedade;**
- **ABNT NBR ISO/IEC 17000 - demonstração de que os requisitos especificados relativos a um produto, processo, sistema, pessoa ou organismo são atendidos;**
- **OMC - Organização Mundial do Comércio - qualquer atividade com objetivo de determinar, direta ou indiretamente, o atendimento a requisitos aplicáveis.**

- Facilitar o comércio exterior, possibilitando o incremento das exportações;
- Fortalecer o mercado interno;
- Agregar valor às marcas.

De 30 a 40% dos programas de certificação desenvolvidos e implementados recentemente pelo Inmetro tiveram como objetivo suportar o aumento das exportações. O certificado funciona como uma espécie de passaporte para acesso a mercados exigentes. Certificamos frutas, cachaça, manejo florestal, cadeia de custódia com o intuito de propiciar acesso ao mercado.

No campo do *agribusiness*, há uma profusão de iniciativas de criação de normas e programas de certificação setorial privados: EurepGAP, PFC etc. Uma série de entidades ou fóruns internacionais estabelecem normas setoriais privadas, o que é vantajoso, mas também tem algumas desvantagens.

O EurepGAP é um fórum forte, utilizado pelos grandes atacadistas europeus com poder de compra para estabelecer

normas e programas de certificação. Os produtores que não seguirem terão dificuldades de acesso àqueles mercados.

A criação de fóruns paralelos vai fazer com que os produtores tenham diferentes programas de certificação. O atendimento a diferentes normas impacta os custos desses produtores.

Recentemente, em Genebra, a ONU e a OMC organizaram uma discussão sobre o impacto causado no campo do *agribusiness* por essas iniciativas. O Brasil, no âmbito do Comitê Brasileiro de Avaliação da Conformidade, desenvolve normas nacionais que levem aos resultados equivalentes aos das normas daqueles fóruns.

Em relação à EurepGAP, decidimos não aceitar a imposição de normas de um setor privado. Essas normas fazem exigências diferentes no que diz respeito a processos de certificação, além de serem complexas.

Seguimos como linha de ação fazer uma negociação de acordo com equivalência de normas. Fazemos uma norma nacional, de modo a aumentar o grau de confiança na segurança do produto, semelhante ao propiciado pela norma setorial. A EurepGAP não aceita essa idéia de equivalência e impõe a sua norma.

Discutimos o assunto com o MAPA. Não podemos aceitar a imposição de uma norma setorial privada. Dentro do sistema brasileiro de avaliação da conformidade, temos o plano de ação quadrienal, que define as necessidades da sociedade brasileira, em termos de desenvolvimento de programas de certificação.

Fizemos um plano 2000/2003. Estamos no término do plano 2004/2007, com realização de cerca de 80% dele. Agora elaboramos o plano 2008/2011 e já contamos com 55 programas.

No *agribusiness*, os destaques são: fios e cordas de sisal, processo de combate a mosca-da-fruta, cachaça, responsabilidade social, turismo sustentável, turismo de aventura, mel, embalagens de produtos perigosos, flores e plantas ornamentais, produtos orgânicos etc. Há ainda a certificação de biocombustíveis.



O Programa de Certificação de Cachaças foi tipicamente demandado pelo setor para alavancar as exportações. Desenvolvemos os critérios de avaliação da cachaça para efeito de certificação. Adotamos, como prática corrente, os requisitos da autoridade de regulamentação no setor, que, no caso, é o MAPA, com a colocação dos requisitos adicionais de alguns países importadores. Por exemplo, introduzimos o requisito de teor máximo de carbamato de etila. Hoje temos 13 cachaças certificadas e mais 33 em fase de certificação.

Desenvolvemos um programa, junto com o MAPA, de certificação de frutas, de produção integrada de frutas. Cerca de 80% da safra atual de maçã, no Brasil, é produzida com o conceito de produção integrada e com demanda de certificação.

Existe o programa de certificação de etanol. Além de avaliar a qualidade intrínseca, ou seja, a propriedade físico-química do etanol, considera também o impacto sócio-ambiental na produção. Agora, em novembro, no âmbito de governo, pretendemos colocar em consulta pública uma proposta de certificação de etanol.

Um programa de certificação tem dois documentos típicos:

- Uma, chamada de base normativa, de caráter voluntário, ou um regulamento, que define os requisitos para serem avaliados.
- A outra, chamada de regulamento de avaliação da conformidade, que é o como avaliar e propiciar confiança de que os requisitos estabelecidos na norma ou no regulamento estão sendo efetivamente alcançados. Esse documento é um documento geralmente de responsabilidade do Inmetro.

Como a base normativa é da autoridade regulamentadora, os programas de certificação de cachaça e de fruta, por exemplo, são do Ministério da Agricultura. A sistemática de como avaliar a observância dos requisitos da base normativa é um documento tipicamente do Inmetro, mas que é feito por meio de comissões técnicas, com a participação das partes interessadas.

Existem:

- Programas de Avaliação da Conformidade Compulsórios: 88;
- Programas de Avaliação da Conformidade Voluntários: 26;
- Produtos com certificação voluntária: 198;

- Programas em Desenvolvimento: 55, representando 90 produtos;
- Marcas de Produto no Mercado com selo do Inmetro: Certificados - 16.000 e marcas - 120.000.

Por fim, chamo a atenção para uma prática adotada no Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade, de acordo com orientação do Conmetro, que é a de termos participação internacional nos:

1. Fóruns de Estruturas de Acreditação:

- IAF (Fórum Internacional de Acreditação);
- Ilac (Organismo Internacional de Acreditação de Laboratórios);
- EA (Organismo de Acreditação da União Européia);
- APlac (Organismo de Acreditação da Ásia e Pacífico);
- IAAC (Cooperação Interamericana de Acreditação).

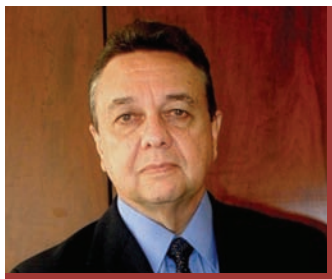
2. Fóruns de Programas de Avaliação da Conformidade: PEFC (Program for the Endorsement of Forest Certification Schemes)

Esses acordos multilaterais de reconhecimento são facilitadores do comércio internacional. ■

* Diretor de Qualidade

Diário de bordo

Gente para a agroenergia



Roberto Rodrigues*

TENHO INSISTIDO na tese de que a agroenergia representa uma importante mudança na geoeconomia agrícola mundial – em função das necessidades crescentes de oferta de alimentos e de biocombustíveis – bem como da geopolítica, uma vez que os países tropicais da América Latina, da Ásia e da África, mais pobres, serão chamados a produzir essa importante fonte energética.

Mas, para que isso se consolide, é imperioso construir um mercado mundial para biocombustíveis, o que ainda não existe, não obstante o enorme potencial reconhecido.

E, para criar o mercado, há três questões centrais a desenvolver:

- mais países produzindo, porque nenhum país importante trocará a dependência do petróleo de algum país membro da Opep pela de um único grande exportador de etanol, no caso o Brasil.
- legislação nos países consumidores que determine a mistura compulsória do etanol à gasolina, como o Brasil fez com o álcool em 1975 e, agora, com o biodiesel.
- “comoditizar” o produto, a partir de claros parâmetros internacionalmente aceitos e, eventualmente, até com certificação.

O Brasil vem trabalhando os três temas, seja por meio do acordo feito com

os Estados Unidos, seja por meio de alianças com outros produtores/consumidores, de modo que é viável termos um mercado expandindo-se ao longo dos próximos cinco anos. Teremos, então, uma grande oportunidade de gerar mais empregos e renda.

Aí será necessário definirmos nossa própria estratégia, que incorpora desde o estabelecimento de metas de produção para o mercado interno e externo, até sistemas de produção, zoneamento, financiamento, estocagem, logística etc. E, nessa hora, dois temas são igualmente fundamentais:

- investimentos em tecnologia
- formação de recursos humanos

Para o primeiro caso, o trabalho em andamento é a criação de EPE - Empresa de Propósito Específico, autorizada pela Lei de Inovação Tecnológica, que permite ao setor privado associar-se a empresas públicas de pesquisa, como Embrapa, IAC, universidades etc.

E, para o segundo caso, há uma grande e auspiciosa novidade: a Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – Esalq-USP, e a Embrapa, juntaram-se para organizar o primeiro mestrado do mundo em agroenergia, que entrará em funcionamento já no primeiro semestre do ano que vem. Trata-se de um grande acontecimento, seja pela parceria das três instituições de excelência em suas respectivas áreas – gestão, agronomia e tecnologia – seja pelo ineditismo da matéria em si.

Afinal, sem gente treinada, capacitada e motivada, ninguém irá a lugar nenhum, nem mesmo movido a etanol. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Reforma anacrônica



Cesário Ramalho da Silva*

É PRECISO pôr uma pedra em cima da reforma agrária de caráter distributivista de terras. Apesar dos recursos públicos gastos em assentamentos, faltam à sociedade brasileira estatísticas de suas produções e dados que evidenciem o avanço socioeconômico das pessoas beneficiadas por esses programas. O orçamento do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra) saltou de R\$ 950 milhões em 2003 para R\$ 3,5 bilhões em 2006.

De acordo com a entrevista do presidente do instituto, Rolf Hackbart, ao jornal *Gazeta Mercantil*, de 1º de outubro de 2007, os projetos de assentamento abrangem 72 milhões de hectares, superiores, por exemplo:

- Ao território de dois dos principais estados produtores e geradores de divisas a partir da atividade rural: São Paulo (22 milhões de hectares) e Paraná (15,5 milhões de hectares);
- À área cultivada com grãos em todo o País, que na temporada atual chegou a 46,2 milhões de hectares, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento.

Hackbart disse que o maior desafio do governo já não é mais dar terras, mas infra-estrutura aos cerca de 7,7 mil assentamentos existentes no País. Um reconhecimento da falta de sentido de distribuir mais terras, em vez de assistir os assentamentos existentes.

Opinião

Dois anos de embargos

O custo para assentar uma família gira em torno de R\$ 41 mil. Como, desde 2003, foram assentadas cerca de 800 mil famílias, o custo total chega a R\$ 32,8 bilhões. E, para atender à demanda de aproximadamente 200 mil pessoas o instituto precisa de mais R\$ 8,2 bilhões.

Em seu livro *O Carma da Terra no Brasil*, o secretário do Meio Ambiente de São Paulo e especialista na questão agrária, Xico Graziano, estima em R\$ 50 bilhões os gastos do Incra entre 1996 a 2006.

A pergunta é se o contribuinte brasileiro está disposto a financiar, com tal quantia, uma política pública sem saber muito bem da sua serventia. Será que esse programa vale um investimento dessa magnitude? O próprio Incra desconfia: o seu presidente diz não ter como saber quem quer terra para trabalhar ou para negociar.

A verba gasta com reforma agrária pode ser mais bem empregada em políticas públicas mais eficientes, na união de quem verdadeiramente tem aptidão para o trabalho rural entre os pequenos, médios e grandes produtores. A sintonia, focada na produção, e não no assistencialismo, tem a capacidade de gerar oportunidades, emprego e renda, com resultados positivos na inclusão social e na emancipação das pessoas.

A atividade rural brasileira atingiu um alto estágio de desenvolvimento. O País conta com economia estabilizada, e o estoque disponível de terras diminuiu nas últimas décadas. O governo precisa desenvolver idéias modernas. A reforma agrária nos moldes atuais é desperdício de dinheiro, tempo e inteligência. Como cria um ambiente de insegurança e de instabilidade no campo, coloca em risco os investimentos feitos no setor. Está na hora de agir para o futuro e não de continuar com os olhos voltados para o passado. ■



João Sampaio*

NESTE MÊS, completamos dois anos de embargos impostos pelos países compradores à carne bovina brasileira. Apesar da suspensão dos impedimentos por alguns importadores, ainda sofremos. O estado de São Paulo deixou de exportar mais de US\$ 1 bilhão: despencamos de um patamar de 60% das vendas para apenas 20% e ainda não vendemos para dois dos melhores clientes, a União Européia e o Chile. Enquanto isso, assistimos à retomada das exportações via outros estados, e à recuperação parcial nos preços do boi e à retomada de fôlego do pecuarista..

Vimos e ouvimos muito das missões estrangeiras ao Brasil. Somente da Comunidade Européia foram oito, desde os focos de aftosa em 2005, excluídas aquelas da OIE. Na Comissão Européia, quando indaguei sobre o retorno de nosso *status* sanitário (livre de aftosa com vacinação), obtive uma resposta tão complexa quanto à rastreabilidade. Disseram que precisávamos nos concentrar em cinco tópicos:

1. Legislação relativa ao foco;
2. Identificação e o controle de trânsito;
3. Programa de comprovação da eficiência da vacina;
4. Agilizar os testes laboratoriais;
5. Controle na emissão de certificados sanitários;
6. Testes de pré-movimento dos animais deslocados para áreas não-res-tritas do Mato Grosso do Sul.

O MAPA tomou providências em relação a esses itens, e a doença não é registrada há dois anos. Mas, continuamos reféns de missões oficiais e não-oficiais e sem oferecer uma resposta sanitária satisfatória ao mundo.

Um das frases marcantes, dita por um integrante da Comissão foi: “Não espere que o Brasil tenha tratamento de país em desenvolvimento, porque nas exportações de carne bovina, o seu país é o maior do mundo, será tratado desta forma pelas autoridades sanitárias e por seus compradores”.

Receber tratamento de gente grande, sim. Porém, não aceitamos tratativas diferenciadas. Recentes episódios de focos de febre aftosa na Inglaterra foram solucionados em menos de 15 dias. Por ser uma ilha, o controle de trânsito de animais ganha eficácia. Podemos fazer uma gracinha se levarmos em conta que a imagem de qualquer cidadão inglês, na capital Londres, chega a ser registrada pelas câmeras, colocadas em locais públicos, até duzentas vezes ao dia. Então, imagine a eficácia na emissão de uma guia de trânsito animal.

Com tudo isso, os episódios ingleses são recorrentes, assim como em qualquer outra parte do mundo. Critérios de impedimento de trânsito e de saúde animal poderiam ser mais bem analisados. Está na hora das nações provocarem os questionamentos técnicos, diante dos argumentos apresentados. A aftosa inglesa fica a cerca de 500 km de Dublin, a capital do país dos estridentes fazendeiros irlandeses, que pedem o embargo total às nossas carnes. Numa comparação rasa, os municípios de Eldorado e Mundo Novo, em Mato Grosso do Sul, ficam a uma distância que é quase o dobro da até São Paulo.

Diante dos gritos comerciais, os argumentos técnicos são bons, porém ainda devem ser melhorados. ■

* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

AS FORMIGAS E A SUSTENTABILIDADE NO SEU MANEJO

Alerta 1

Manejo com responsabilidade

A BUSCA de folhas faz com que as formigas cortadeiras prejudiquem lavouras de expressão econômica e respondam por grandes prejuízos em todas as culturas no Brasil, em países da América Latina e Central, áreas geográficas onde estão presentes sendo responsáveis pelo corte de milhares de quilos por hectare por ano:

Estimativa/no Sauveiro/ha	No de Indivíduos Estimados	Necessidade de folhas / formigueiros
1	10 milhões	1 tonelada/ano
4 (média encontrada)	40 milhões	4 toneladas/ano

Fonte: Forti, LC e Boaretto, M.A.C "Formigas cortadeiras-
Biologia, ecologia, danos e controle, 1997, 61p.

Os números ilustram a gravidade de uma área sem o controle adequado desses insetos, o que torna fator limitante da produtividade agrícola, além de ser a principal praga das florestas de *Eucalyptus* e *Pinus*, onde pode-se inviabilizar um projeto florestal se considerarmos essas áreas sem controles, o que mostra o quadro a seguir:

Danos considerando 4 formigueiros / hectare

Cultura	No de árvores correspondentes	Prejuízos estimado em árvores
Eucalipto	344	14%
Pinos	644	14,5%

Fonte: Forti, LC e Boaretto, M.A.C "Formigas cortadeiras-
Biologia, ecologia, danos e controle, 1997, 61p.

Reflexão

Considerando que no Brasil têm-se 388 milhões de hectares de terras agrícolas férteis de alta produtividade, dos quais 90 milhões ainda não foram explorados, o que faz um país de dimensões continentais com vocação natural para a agropecuária e todos os negócios relacionados à suas cadeias produtivas e, que o agronegócio corresponde a 1/3 da economia brasileira, o controle e eliminação dos danos desses insetos pode originar uma importante reflexão: ao se combater as formigas cortadeiras estaremos quebrando elos da sustentabilidade ambiental?

Tecnologia responsável

Na verdade, qualquer atividade econômica pode ser rotulada como ambientalmente boa ou má, dependendo de como é praticada. O diferencial vai estar na maneira como é feita a gestão dessa atividade e nas tecnologias de produção utilizadas.

As iscas formicidas são os produtos que melhor atendem aos objetivos de gestão responsável no manejo de formigas cortadeiras, apresentando um alto grau de tecnologia desenvolvida em pesquisas, aliando a melhor eficiência, custos operacionais e impacto ambiental, destacando-se com alta eficiência e baixa toxicidade as iscas formuladas com o princípio ativo Sulfluramida.

Toxicidade para mamíferos

Espécie	Estudo	Sulfluramida ¹
Rato	DL 50 Oral	6.600 mg/kg

Toxicidade para Organismos Aquáticos

Espécie	Estudo	Sulfluramida ¹
Rainbow Trout (<i>Salmo gairdneri</i>)	CL 50 Aguda (96 h)	> 10.000 µg/l

Toxicidade para Aves

Espécie	Estudo	Sulfluramida ¹
Codorniz (Bobwhite quail)	DL 50 Oral	437,76 mg/kg

Toxicidade para Abelhas

Espécie	Estudo	Sulfluramida ¹
<i>Apis mellifera</i>	DL 50 (48 h)	Pouco tóxico (38,4 µg/abelha)

Classificação Toxicológica

Sulfluramida ¹
IV - Pouco tóxico

A tecnologia das iscas formicidas Mirex-S formuladas com o princípio ativo sulfluramida, vem ao encontro da gestão responsável para a sustentabilidade, que exige enfoques integrados para produção, mercado, sociais e certificações ambientais. Mirex-S traz a melhor tecnologia em pesquisa para o controle das saúvas e quéquens.

Nas próximas edições, a série "AS FORMIGAS E A SUSTENTABILIDADE" vai mostrar experiências econômicas e modernas no manejo das cortadeiras, em florestas plantadas de eucalipto. Acompanhe!



agrocere
TECNOLOGIA E CONFIANÇA





Estamos reforçando o elenco, para você fazer bonito no campo.



Junte-se ao time que só pensa em conquistas quando o assunto é o campo. Filie-se à Associação Brasileira de Agribusiness para integrar-se estrategicamente a entidades e pessoas representativas do agronegócio brasileiro. Na Abag, você terá oportunidade de contribuir para o desenvolvimento de planos político-estratégicos em defesa do setor e fomentar a divulgação do complexo agroindustrial brasileiro, aqui e no exterior.

Abag: você e sua empresa no campo, para vencer. www.abagbrasil.com.br tel (11) 3285 3100

